

---

**LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

---

**MILENA GABRIELE SEVIERO**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO  
PROCESSO DE FORMAÇÃO**



Rio Claro  
2017

MILENA GABRIELE SEVIERO

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues  
Martins de Camargo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Biociências da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -  
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de  
Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro  
2017

418.4 Seviero, Milena Gabriele  
S511i A importância da leitura no processo de formação /  
Milena Gabriele Seviero. - Rio Claro, 2017  
65 f. : il., tabs., quadros

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
Rio Claro

Orientador: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

1. Leitura. 2. Formação do leitor. 3. Leitura na formação  
inicial. I. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Esse trabalho representa uma parte da minha vida, não só por trazer minhas vivências, mas pelo aprendizado que ele me proporcionou e por retratar as conquistas desses anos de graduação. Por isso agradeço primeiramente a Deus, que me permitiu todo esse caminhar e pelas pessoas que Ele colocou no meu caminho, a companhia dessas pessoas queridas me deu força.

Agradeço à Maria Rosa, não só pela orientação, mas pelo cuidado, carinho, amizade pela sensibilidade e olhar sempre atento e por me apresentar um caminho até então desconhecido na universidade que, junto com o Escriarte, me fez envolver-me ainda mais pela literatura e pelos seus vastos campos, assim como pelo mundo da escrita que me transborda, e por caminhar comigo na construção desse trabalho e por nos formarmos juntos.

Agradecimentos especiais a minha família, pelo carinho, apoio, dedicação, por me ajudar a continuar com os meus sonhos e me incentivarem nessa escrita o qual exigiu-se mais paciência comigo, em especial aos meus pais Lucimara e Denilson que sempre acreditaram em mim. Por todos aqueles que me apresentaram o mundo da leitura e me ajudaram a criar gosto pelos livros sabendo o potencial de cada um deles. Agradeço também às minhas primas Luiza e Camila que me fizeram novamente me envolver na literatura infantil quando estava em processo de formação e me motivaram a fazer o trabalho sobre a importância da leitura. Também minha tia Cilmara e irmã Marcela que se dedicaram em longas leituras de minhas escritas e se propuseram a ajudar sempre que precisei. Ao meu namorado Helton que esteve ao meu lado em todos os momentos e pela ajuda e apoio constante que me ofereceu. Assim como meus avós Rita e Benedito que sempre foram uma motivação no processo de alfabetização e educação.

Agradeço aos professores que tive ao longo da vida nos quais me espelho e que me ajudaram na escolha dessa profissão. Agradeço ainda à turma de pedagogia de 2014, em especial a Caroline que me foi minha companheira de lágrimas, risos, conversas, desabafos, aprendizados e com a qual construí uma amizade e compartilhei momentos inesquecíveis.

E como diz Paulo Freire, vocês me ensinaram que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, por isso esse caminho não foi um

caminhar sozinho, foi por vocês e com vocês que consegui e comecei a me fazer professora com muito para dar e receber.

Obrigada a todos que compartilharam os caminhos comigo, obrigada pela companhia e por tudo que me transmitiram.

## RESUMO

Devido à revolução tecnológica a leitura tem ficado em segundo plano entre crianças e jovens, quiçá entre adultos, tratando-se de um agravante por ser – a leitura – parte fundamental no desenvolvimento intelectual e social do sujeito. Frente a essas mudanças, o presente estudo buscou compreender e enfatizar a importância dessa prática como parte do processo de formação do leitor e formação inicial da professora, como leitora, e a necessidade de metodologias específicas para que o processo de ensino-aprendizagem busque meios para disseminar e promover as práticas de leitura, principalmente no ambiente escolar. Frente a essa problemática, buscou-se a partir de uma abordagem qualitativa, e de um levantamento bibliográfico por meio do qual buscou-se identificar como está sendo trabalhada a leitura no ambiente educativo, desde as metodologias abordadas até a visão dos professores do que vem a ser a leitura. Analisou-se como a leitura pode ser inserida na formação dos alunos e como as práticas de ensino-aprendizagem podem influenciar na formação de alunos leitores e, como sujeitos, nos seus diferentes papéis na sociedade. Frente à importância do contato com o livro e com a leitura, o estudo buscou também identificar como a leitura pode contribuir na formação do aluno/sujeito pensante e crítico possibilitando uma interlocução de conhecimentos entre escola, realidades e vivências que a própria leitura pode incutir no leitor, além de ajudar as crianças a se apropriarem da escrita, e construir uma compreensão maior do mundo. Faz-se necessário refletir que tais práticas ultrapassam a esfera escolar, portanto, o estudo nos fez perceber que muito precisa-se ainda fazer para a leitura tornar-se uma prática cotidiana. Também deixou claro a sua importância no processo de formação e como a influência dos professores e dos pais se faz necessária no processo de aquisição da leitura e para a realização de trabalhos com esse meio que atrela, além de saberes escolares, práticas culturais que formam seres mais humanos.

**Palavras-chave:** Leitura. Formação do leitor. Leitura na formação inicial.

## **ABSTRACT**

Due to the technological revolution reading has been in the background among children and young people, perhaps between adults, being an aggravating one for being - the reading - fundamental part in the intellectual and social development of the subject. Against these changes, the present study sought to understand and emphasize the importance of this as part of the process of formation of the reader and initial formation of the teacher, as a reader, and the need for specific methodologies so that the teaching-learning process to seek ways to disseminate and promote the reading practices, especially in the school environment. Faced with this problem, it was sought a qualitative approach, and a bibliographic survey by means of which it was tried to identify how the reading is being worked in the educational environment, from the methodologies addressed to the view of teachers of what the reading is. It was analyzed how the reading can be inserted into the formation and how teaching-learning practices can influence students and, as subjects, in their different roles in society. In view of the importance of contact with books and reading, the study also sought to identify how reading can contribute to the formation of student / critical and thinking subject making possible an interlocution of knowledge between schools, realities and experiences that the reading itself can instill in the reader, helping children to appropriate writing, and building a biggest understanding of the world. It is necessary to reflect that such practices exceed school, so the study made us realize that much still needs to be done for reading became a daily practice, made clear its importance in the process of formation and how the influence of teachers and parents becomes necessary in the process of reading acquisition and for carrying out which entails, in addition to school knowledge, cultural practices that form more human beings.

**Keywords:** Reading. Reader formation. Reading in the initial formation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Autor e título dos trabalhos selecionados no levantamento no período de 2011 a 2015.....	36
-----------------------------------------------------------------------------------------------------	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de teses e dissertações selecionadas entre os anos de 2011 e 2015 relacionados a Leitura. ....	32
Tabela 2 – Quantidade de teses e dissertações selecionadas entre os anos de 2011 e 2015 relacionados a Formação do Leitor. ....	33
Tabela 3 - Quantidade de teses e dissertações selecionadas entre os anos de 2011 e 2015 relacionados a Leitura na Formação Inicial. ....	34
Tabela 4 - Quantidade de artigos encontrados na Revista Leitura: Teoria e Prática entre os anos de 2011 e 2015. ....	35

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

## SUMÁRIO

<b>1 LEITURA QUE SE CONSTITUI NA E PELA LEITURA - DELINEANDO O OBJETO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 CAMINHOS PERCORRIDOS - APORTES METODOLÓGICOS .....</b>	<b>18</b>
<b>3 A FORMAÇÃO DA LEITORA.....</b>	<b>22</b>
<b>4 DA LEITURA E DA FORMAÇÃO – UM LEVANTAMENTO NA COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES E NA REVISTA LEITURA: TEORIA E PRÁTICA.....</b>	<b>30</b>
<b>4.1 Leitura – o que apontam os artigos .....</b>	<b>40</b>
<b>4.2 Algumas Considerações Acerca Das Contribuições Das Publicações Levantadas Para Este Estudo .....</b>	<b>47</b>
<b>5 A LEITURA COMO FORMAÇÃO HUMANA .....</b>	<b>49</b>
<b>6 A LEITURA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR.....</b>	<b>54</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>62</b>

## **1 LEITURA QUE SE CONSTITUI NA E PELA LEITURA - DELINEANDO O OBJETO**

Pensando que um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) engloba matérias, estudos, aprendizados e questionamentos adquiridos com o curso em pauta (Pedagogia) e, além disso, exige do/da estudante, professor/a em formação, um olhar para si mesmo e suas preocupações, o TCC integra um processo de formação que transborda o sujeito e busca contribuir para uma sociedade que sente necessidade de significar suas vivências e responder suas inquietações, neste caso, considerando a particularidade de um campo (a Educação).

Portanto, percebo-me frente à tarefa de organizar um estudo não só para mim, futura professora, mas que compreende também a formação do outro, meus futuros alunos. Assim, considero que o desenvolvimento do TCC ultrapassa a ideia de simples instrumento de avaliação e torna-se instrumento de aprendizagem e conhecimento necessário para a constituição e formação do homem.

Frente a isso, e elegendo a prática da leitura como uma instância da formação humana, que tem na educação escolar um dos lugares privilegiados e potencializadores dessa formação, três dimensões foram consideradas nesta pesquisa: a leitura como formação (humana, política, cultural, educacional); a formação da leitora (com foco na formação de leitores); e a leitura na formação inicial do professor.

Consideramos que em alguns momentos do estudo uma ou outra dimensão poderá ser mais aprofundada, no entanto, atentamo-nos para a inerente inter-relação entre elas. Entre os questionamentos iniciais, delineados por uma professora em formação inicial, estão:

- O que é a palavra escrita? O que é a linguagem quando a pauta é a leitura? Que relação pode ser pensada entre a leitura do mundo e a leitura da palavra?
- Existem dificuldades no trabalho com a leitura? E o que dizer do ensino da leitura?
- Quais os respaldos para a leitura ser deixada para segundo plano quando a detectamos como atividade que preenche um certo tempo numa sala de aula?
- Como se dá a formação leitora dos nossos professores? E a formação de novos leitores?

- Que materiais podemos encontrar disponíveis para pensar, discutir e pôr em prática esse trabalho de formação de leitores? Seria custoso?
- Quais são as justificativas para sermos sujeitos não leitores?
- Como o homem vem sendo alfabetizado? Que lugar ocupa a leitura no processo de alfabetização?
- Como introduzir a leitura desde o início da infância?
- Quais as necessidades leitoras de uma criança? E como deve ser a construção de um espaço para a formação do leitor, principalmente quando pensamos na sala de aula?
- É necessário que o professor seja um leitor fluente?
- E, por fim, uma pergunta que dispara um dos eixos fundamentais: o que vem a ser a leitura como formação?

Com base em tantos questionamentos, alguns, talvez, sobrepostos, elaboramos a pergunta inicial e que permeou todo este estudo: Como a leitura pode ser inserida na formação dos alunos, de que forma ela contribuirá na formação do sujeito leitor e qual é a sua importância na formação dos sujeitos nos seus diferentes papéis na sociedade, entre eles, a atuação como professor/a?

A partir dessa organização e buscando argumentos para refletir acerca de tais questionamentos, foi construído este Trabalho de Conclusão de Curso, que se organiza em cinco seções. Na primeira seção apresento os referenciais metodológicos nos quais balizo o estudo; nas seções subsequentes adentro as três dimensões colocadas anteriormente sendo, a segunda seção, a formação da leitora (com foco na formação de leitores); na terceira seção, está o levantamento que me auxilia na construção da pesquisa; a quarta seção, a leitura como formação (humana, política, cultural, educacional); a quinta, a leitura na formação inicial do professor (onde trago um levantamento dos trabalhos encontrados sobre a temática). O TCC encerra-se com as Considerações que trago de minha trajetória de busca e reflexão.

Com relação à dimensão da leitura como formação – humana, política, cultural, educacional – busco contribuições em escritos de Paulo Freire, entre outros.

Para a dimensão da formação do leitor – aqui considero a formação da leitora – focalizo como eu mesma venho me formando leitora, ao longo de minha vida e minha vida escolar.

Na terceira dimensão, da leitura na formação inicial da professora, tenho expectativa de trazer contribuições – inter-relacionando-a com as demais dimensões – considerando a leitura, o ato de ler, como dispositivo aglutinador.

Pensar a leitura como formação humana, política, cultural, educacional, requer pensá-la na relação com a vida.

Remetendo-me ao que leio em Paulo Freire, particularmente no texto “A importância do ato de ler”, destaco que “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1921, p. 20); é importante pontuar que os alunos não são pessoas com mentes vazias, mas apresentam, no seu contexto de vida, a bagagem cultural que os constitui, com suas experiências e seu modo de entendimento do mundo no qual se insere.

Dessa forma pontuamos que, para educar, também estamos sendo educados, ensinando e aprendendo e adequando nossa leitura do real com a leitura do outro.

Todos temos opiniões, aprendizados que devem ser ouvidos, temos uma palavra a ser compartilhada; tal posicionamento refere-se à comunicação em geral, ao processo de ensino-aprendizagem, particularizando a relação com a linguagem escrita, situando-se também o processo de alfabetização. Nesse contexto que é marcadamente dinâmico, sempre haverá novidade na atuação e realização pedagógica, o que exige uma prática em movimento, sempre a ser (re)pensada.

O que é a palavra escrita? O que é a linguagem, seja falada, escrita ou lida? Que relação pode ser pensada entre a leitura do mundo e da palavra?

A alfabetização, muitas vezes, é resumida na memorização mecânica, no ensino puro e neutro da palavra, da sílaba ou das letras. Seguindo Paulo Freire, temos que, ao "contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito" (FREIRE, 1912, p.19). Dessa forma, quando discutida a leitura como formação humana, política, cultural, educacional estamos tratando da construção, constituição do sujeito para, na relação, e com o mundo, envolvendo sua convivência em sociedade, seu acúmulo de conhecimento e seu contato diário com a palavra desde o nascimento, mesmo que pelo ouvir, o que faz com que o sujeito seja iniciado no processo de formação de leitor.

A leitura tem sua complexidade e quando tratamos da leitura do mundo é tudo o que antecipa o ato de ler e escrever que influencia diretamente na aquisição da linguagem para que efetivamente possa aprender a ler e ter o que podemos inferir como leitura da palavra.

Formar leitores é uma experiência necessária, uma vez que a leitura permite acessar culturas, contextos históricos de outros lugares sem ao menos sair de casa. O processo de formação de leitores tem que ser feito com entusiasmo, motivação e interesse; o contrário poderá ser visto como uma obrigação, gerando um leitor que se relativiza na força inventiva na relação da palavra com a sociedade.

Segundo Cagliari (1993):

A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para a qual a professora e a escola não dedicam mais que uns míseros minutos, na ânsia de retornar aos problemas da escrita, julgados mais importantes. Há um descaso enorme pela leitura, pelos textos, pela programação dessa atividade na escola; no entanto, a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, e não a escrita, será a fonte perene de educação, com ou sem escola. (CAGLIARI, 1993, p. 173)

Penso que formar leitores não é uma tarefa fácil, e não tem fim, nossa vida é cercada pela leitura, está presente em placas informativas, em bulas de remédio, em uma mensagem recebida no celular e, claro, nos livros. O que fazemos com a informação que recebemos destes meios é que faz a diferença em nossa vida.

Se nos anos iniciais o encantamento da descoberta do objeto livro pelas crianças é algo prazeroso, o início da leitura de forma autônoma é uma conquista só dele, onde cada letra tem um significado especial; quando vão se tornando adolescentes, essa paixão pela leitura muitas vezes se perde, e a (re) conquista desse leitor torna-se mais difícil. O desafio é fazer com que os alunos (re)adquiram o gosto pela leitura, que muitas vezes fica perdida entre todos os outros atrativos que a tecnologia apresenta para ele, ou nas leituras obrigatórias que vão na direção contrária a seu gosto.

Segundo Coelho (2008), A Literatura e a Leitura são agentes formadores não apenas de leitores, mas da consciência de mundo, além da consciência crítica indispensável nos seres pensantes, que atua como uma força de resistência à desagregação ou fragmentação interior do sujeito provocada pelas informações que governa o mundo globalizado. A autora conclui que por meio da palavra as crianças sejam preparadas para reordenar o mundo, assim como o professor que precisa

incentivar os alunos no exercício da leitura em seus diferentes níveis, estando restrito a uma história ou quando trabalhada a problemática da formação de alunos conscientes e cidadãos críticos e participativos.

Diante disso, como venho, eu mesma, me formando leitora? Essa pergunta não cala pois, como professora em formação, que intenciona cuidar da leitura, volto-me para o processo pelo qual eu mesma atravessei.

Início com uma citação de Lygia Bojunga:

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras. Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça. Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação. Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava. Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas – é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava. Mas, como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeí um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar. (BOJUNGA, 2006, s/p.)

Inspirada no fragmento dessa autora, me pus a pensar como iniciei meu contato com a leitura, o que me levou diretamente a relacionar a influência em casa e na escola.

Quando ainda pequena sonhava em ser escritora e criar meu próprio livro; envolvendo-me com contos de fadas, começava a escrever a minha primeira história, que no começo não tinha palavras, mas era formada por desenhos que diziam muito do que eu entendia dos outros livros que já tinha ouvido. Então, por meio das palavras faladas, contava para quem estivesse próximo tudo aquilo que tinha tentando colocar nas ilustrações que constituíam meu livro e suas histórias.

Minha palavra era envolvida por formas e cores e foi a partir dela que entrei na primeira turma da escola e iniciei os afazeres na escola.

Os primeiros anos foram difíceis, tudo era mais interessante do que sentar e fazer minhas atividades escolares, e me focar na significação da então palavra que eu vinha conhecendo e aprendendo a formar.

A professora teve um longo trabalho para mostrar para a turma como deveria ser a nossa leitura e como ela se formaria. Escolha melhor não teria senão pela apresentação de um livro, cativando a turma da sala por meio da curiosidade; foi por meio do envolvimento na leitura que finalmente pudemos iniciar-nos como leitores.

Tudo ia ganhando forma, todas as letras se relacionando, resignificando o que víamos; assim foi com o livro “O guardador de palavras”, de Marina Pechlivanis, com o qual iniciei minha formação como leitora e me propus, assim como no livro, a descobrir o segredo do guardador de palavras para também me tornar um deles.

Hoje a leitura se constrói e reconstrói diariamente nas significações dos objetos que estão ao meu entorno, em especial, os livros, e é por meio dela que me proponho também a ser uma formadora de novos leitores.

É por ela – leitura - e com ela que me penso e me preparo, não como a Lygia Bojunga que se propôs a construir novos tijolos (livros), mas sim tendo os livros como instrumento construtor de minha vida e como meio pelo qual busco tudo aquilo de que preciso e por meio do qual encontro tudo que venho construindo e planejo construir com o outro.

Na sequência, considero a dimensão da importância que a leitura tem na formação inicial da professora.

Em leituras preliminares, apresento alguns estudos já realizados, iniciando com o questionamento: Qual é o lugar da leitura na escola e na vida das pessoas?

A leitura é o “processo de interação entre leitor e texto, configurando-se um meio de aquisição do que se passa ao redor do homem; portanto, tem dimensão social e cultural; provoca, enriquece e encaminha a reflexão”, segundo Campello (2012).

Frente a isso e se podemos definir a leitura como processo pelo qual traduzimos a escrita em fala, decodificamos mensagens, damos respostas a sinais gráficos, extraímos a ideia central, interagimos e produzimos sentidos, compreendemos e interpretamos, a leitura faz-nos ter a necessidade de buscar elementos que nos permitam perceber a sua complexidade e, ao mesmo tempo, permite constituir um embasamento mais denso e abrangente, que possa fundamentar a organização das atividades de ensino.

Assim, segundo Silva,

O ato de ler é de fundamental importância ao professor, mesmo porque revela o movimento incessante de sua consciência em direção aos resultados alcançados pela pesquisa na área e, mais do que isso, ao seu compromisso com o próprio avanço do conhecimento. (SILVA, 1999, p. 11-19)

Portanto, ler é sempre uma prática social de interação com signos, permitindo a produção de sentidos através da compreensão-interpretação dos mesmos e podemos, dessa forma, definir o ato de ler como processo aglutinador de intenção social, política, humana, cultural e educacional preñado de empoderamentos, uma vez que a leitura é um meio fértil pelo qual desenvolvemos a imaginação, conhecemos lugares, mundos, pessoas, ampliamos o conhecimento e o vocabulário, estimulamos nossa criatividade. E vai além; é por meio da leitura que podemos acessar culturas e contextos históricos de outros lugares, examinar nossos próprios valores, conceitos, conhecimentos, com relação a mim mesma e com relação ao outro, possibilitando uma autonomia no modo de ser das pessoas.

É por ela e com ela que temos informações essenciais sobre a vida, através do simbolismo presente nas histórias que somos levados a compreender e aprender mais sobre situações vividas; a leitura constitui-se, assim, em um importante instrumento para formação de um cidadão crítico.

A leitura é uma ferramenta que contribui, junto ao professor, realizar a transposição didática, potencializando a criatividade e contribuindo para o desenvolvimento intelectual dos alunos.

A ludicidade que pode ser explorada pela leitura abre um grande leque de possibilidades para o profissional da educação, permitindo que o processo de ensino-aprendizagem seja potencializado.

Cabe ao professor, enquanto leitor, organizar, criar e adequar em sua grade curricular propostas e estratégias efetivas de leitura, priorizando momentos de trocas contínuas, seja por meio de ambientes favoráveis a essa leitura ou pela simples circulação de livros pelos alunos. Essa leitura poderá influenciar a formação do aluno leitor e sua forma de encarar as situações por que passa no seu dia a dia, assim como também na formação do professor, já que a mesma nunca é completa, portanto, sempre em movimento, e todas essas trocas e experiências são acréscimos de aprendizados. Já na minha vida, como professora em formação, a leitura me permite usá-la a serviço de minha própria construção como sujeito e como

profissional da educação, que objetiva compreender os fenômenos que acontecem com os alunos e comigo mesma, e atuar com eles.

A leitura se torna um caminho que me permite configurar sentido sobre a vida e explicitar tudo o que sou e que objetivo ser. É pela leitura e com a leitura que busco respostas, me formo e busco contribuir para a formação do outro.

O professor, eu, professora, volto o pensamento para a minha formação enquanto leitora, como mediadora pedagógica, baseando-me em estratégias que permitam diferentes formas de contato com material de leitura, sejam obras clássicas ou contemporâneas, que venham a auxiliar no domínio da linguagem, possibilitando ao educando o aprender a aprender. Ou seja, através da leitura e da escrita ele poderá adquirir conhecimento em uma abordagem emancipadora. Então é importante valorizarmos e fazer dela uma prática, um hábito presente diariamente em nossos processos formativos, enfatizando que a leitura vai além e forma o educando integralmente, proporcionando uma diversidade de soluções e recursos para o aluno na construção do seu ser e para a sociedade na construção de cidadãos conscientes.

Diante dos desafios postos pelas leituras preliminares, que me auxiliaram a construir o objeto de estudo, sigo adiante pelos caminhos metodológicos que balizaram a construção de minhas reflexões.

## 2 CAMINHOS PERCORRIDOS - APORTES METODOLÓGICOS

O presente estudo pauta-se em uma abordagem qualitativa, cujas metodologias têm como fonte direta de dados o ambiente natural e, neste, as práticas (da leitura), constituindo o investigador o instrumento principal (das próprias práticas), e sendo o entendimento que este tem de seu objeto (da leitura como formação), o instrumento chave de análise. Segundo Bogdan e Biklen (1994) o processo de pesquisa é mais interessante e tem mais valor do que o próprio resultado ou produto. Os pesquisadores analisam seus dados de forma indutiva e compreendem o significado que os acontecimentos e interações têm para as pessoas. É o estudo do fenômeno no seu acontecer natural; nesse caso, a prática da leitura, considerando sua importância como formação.

Buscar compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para as pessoas é o que subsidia meu percurso neste estudo, ao voltar-me para (re) constituir minha formação como leitora e, nesse percurso, fazer-me protagonista de meu processo de formação como professora leitora que tem o compromisso com a formação de leitores, meus alunos num futuro próximo.

Como procedimento de investigação, considerando os objetivos deste projeto, optamos pela pesquisa bibliográfica e pesquisa (auto) biográfica. A pesquisa bibliográfica referencia-se em estudos já realizados acerca do tema leitura, focando o trabalho em sala de aula, em que estão envolvidos alunos e professores; é o que objetivo na seção intitulada "A leitura na formação inicial do professor". A pesquisa (auto) biográfica, compondo-se por uma narrativa (LIMA et al, 2015), trouxe argumentos para a pesquisadora referenciar seu próprio processo de constituição como leitora; é o que trago na seção "A formação da leitora".

As pesquisas (auto) biográficas, segundo Lima et al:

[...] visam à reconstituição da história de uma pessoa (ou de si próprio no caso das autobiografias) e que possibilitam o encontro do narrador com o(s) seu(s) eu(s) ou do biógrafo/narrador com os vários "eus" de sua personagem. Na autobiografia, os dados empíricos são coletados por pesquisadores que se tornam os próprios objetos do estudo e fazem uma escrita de si e sobre si no processo de formação. Essas pesquisas permitem produzir uma compreensão do sujeito e de sua formação por meio das narrativas de vida. (LIMA et al, 2015, p. 25)

Em continuidade, a proposta de análise é apresentar e discutir os eixos delineados (as dimensões que organizam o estudo), contextualizados pelo material

que vai sendo produzido. Esta ação tem o propósito de mediação entre os saberes que constituem as práticas de leitura e possíveis desdobramentos para a ação transformadora das práticas pedagógicas, com o levantamento de indicadores que ampliem questões e conceitos concernentes à leitura como formação.

Segundo Bogdan e Biklen (1994) o pesquisador precisa se envolver com a realidade, direta ou indiretamente, para observar e chegar às conclusões necessárias para a construção do conhecimento nessa área e, no final da análise, precisa ter se deslocado do seu contexto original. O modo de análise, nesta perspectiva, é mais diversificado e maleável, envolvendo conteúdo simbólico, etnográfico, estrutural, narrativo, semântico, histórico, perceptual e reflexivo. Essa investigação possibilita, também, que o pesquisador acompanhe, na prática, as experiências dos sujeitos, suas ações e o significado que estes atribuem à realidade que os envolve.

Nesse sentido, formação – atuação – formação – práticas se inter-relacionam numa esfera que engloba ser pesquisadora que (se) forma num processo contínuo de aprender - ensinar – aprender – ler.

Estes mesmos autores, Bogdan e Biklen, fazem uma análise histórica desse tipo de pesquisa e nos colocam que antes mesmo do começo do século XIX a abordagem qualitativa já tinha relevância ou era considerada ciência porque, nesse período, as pessoas quantificavam os fenômenos que ocorriam como o analfabetismo por exemplo que, remetendo ao caso brasileiro, era muito presente e com índices bastante significativos<sup>1</sup>. Porém, é com a pesquisa em Educação que se tem alguns dos por quês que esses fenômenos ocorrem, as políticas que se têm e caminhos possíveis para se resolver dilemas.

Dito isso, é só ao longo do século XIX que a abordagem qualitativa ganha destaque com a contribuição de duas áreas de extrema importância nesse percurso: A Sociologia e a Antropologia.

Os antropólogos começaram as observações o ambiente em que estavam e, através dessa observação, faziam anotações nos cadernos de campo, sendo que a pesquisa qualitativa era realizada no contexto natural onde a observação se tornava prática efetiva e de pensamento, abrindo perspectivas para abordar as relações entre educação e cultura, num trabalho etnográfico. Já os sociólogos se

---

<sup>1</sup> Este estudo não aborda a questão fundamental que perpassa analfabetismo e leitura, mas não perde de vista sua importância para outros estudos.

diferenciaram claramente da assistência social, abandonaram a sua vertente reformista e retiveram exclusivamente a influência do método de estudo de casos. Essa abordagem não se limitou a ser um método de campo, implicando igualmente o reconhecimento das interrelações existentes entre os diversos problemas sociais, alcançando o estatuto de ciência.

Com relação aos psicólogos, estes dominaram a investigação educacional e eram, de modo geral, experimentalistas e o jornalismo detalhava através da entrevista o que acontecia naquele momento.

Dessa forma, pensando o curso de Pedagogia como momento em que fui adquirindo essa preocupação enquanto professora em formação e também rememorando meu percurso enquanto sujeito leitor, propus-me a estabelecer um percurso investigativo das formas como as pessoas se tornam leitores, e com quais espaços-tempos nos deparamos nesse processo de formação.

Dito isso, frente ao interesse de caráter educativo na pesquisa, é importante apontarmos que a Pesquisa em Educação consiste segundo Vielle (1981), em projetos encaminhados a avaliar a orientação, prioridades, condições de produção e difusão, metodologias, procedimentos e estratégias educativas. Seu resultado vem dado por conhecimentos acerca dos processos de investigação educativa.

Assim, o estudo fez um levantamento de teses e dissertações no banco de dados da CAPES – Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e nas publicações – artigos – de um periódico que vem tratando especificamente da leitura – Revista Leitura: Teoria e Prática, publicação trimestral da Associação de Leitura do Brasil. Os descritores buscados são leitura, formação do leitor e leitura na formação inicial.

Devido a quantidade de material encontrado depois de um primeiro levantamento, optamos por trabalhar somente com a coleta na Revista, não dispensando o que tinha sido encontrado na CAPES, já que estes contribuíram nas análises quando tratamos da formação como Formação Humana, assim como na Formação da Leitora e a Formação Inicial do Professor.

Após esse levantamento, na Revista Leitura: Teoria e Prática, começamos a explorar cada artigo escolhido, para que assim fosse possível aprofundar na investigação do trabalho com a leitura. Na sequência, fizemos uma análise da presença da leitura no nosso sistema educativo, desde as metodologias trabalhadas até a visão dos professores acerca do trabalho com esse meio. Existem

dificuldades? Quais são os respaldos para a leitura ter sido deixada para segundo plano? Como se dá a formação dos nossos professores que serão os responsáveis pela formação de novos leitores? Será que tem materiais disponíveis para esse trabalho? Quais são as justificativas para termos sujeitos não leitores? Para que por fim possamos concluir como a leitura pode ser inserida na formação dos alunos, de que forma ela contribuirá na formação do sujeito e qual é a sua importância na formação dos sujeitos nos seus diferentes papéis na sociedade.

Considerando então, minhas memórias na constituição de sujeito leitor, inicio um desdobramento no capítulo a seguir, reconstruindo minha formação e buscando atrelar minha formação hoje com o quando tudo começou, ou seja, com o início dela na aquisição da palavra escrita e lida.

### 3 A FORMAÇÃO DA LEITORA

*A arte de ensinar, ou seja, de deixar aprender, é deixar que o conhecimento nasça que o conhecedor renasça a cada novo conhecimento, é deixar que cada um se reconheça no ato de aprender. (PERISSÉ, 2004, p. 18).*

O ensinar-aprender-ensinar apresenta uma ligação que extrapola qualquer ato que venha separá-los, portanto todos temos o que aprender assim como ensinar - assim me posiciono - e mantemos essa relação ensinamento-aprendizagem na maioria das situações que passamos em nossas vidas. O meio em que vivemos torna-se, assim, ambiente propício para trocas e, conseqüentemente, é com ele que construímos muito do que somos e viremos a ser.

Admitindo que as trocas são constante em nossas vidas, por elas nos posicionamos, e são instâncias de nossa formação, há que se buscar elementos que nos auxiliam na materialização dessa formação. Nossa própria lembrança, por exemplo, pode coadunar-se como meio de formação e informação para novas formações.

Pensando nisso, um capítulo, ou mesmo um livro, pode se tornar objeto de estudo sobre o qual trabalharei as lembranças de leitura em um determinado momento da vida. Um objeto, guardado por muito tempo, me permite entender o hoje reconstruindo o passado.

Sigo e inspiro-me em Goulart, ao referir-se às palavras de um poeta:

Trata-se de um passado que é presente, como escreve Quintana (2006, p. 174): “O passado não reconhece o seu lugar, está sempre presente”. É um olhar do hoje que procura uma visão do passado, uma construção composta de um ir e vir entre presente e passado, numa busca de sentidos sobre nossas incessantes inquietações, ideias, sentimentos. (GOULART, 2011, p. 570)

Em um olhar para o passado, deparei-me com o livro “A Curiosidade Premiada” da autora Fernanda Lopes de Almeida que marcou o meu início no processo de aquisição da leitura que, juntamente com o livro citado anteriormente “O guardador de palavras”, traço um paralelo de como essa leitura influenciou a minha formação hoje.

Quando criança, as perguntas são formas de conhecermos aspectos ainda novos, mas de grande importância para o sujeito, é o que encontramos no livro “A curiosidade Premiada”, em que a personagem Glorinha, menina curiosa, enchia a

todos com suas perguntas. Sua mãe, depois de um dia exaustivo, envolvido por muitas perguntas da menina, foi se aconselhar com uma antiga professora que morava em sua rua quando essa disse:

“- Já sei! Vou pedir opinião a Dona Domingas!

Foi e contou tudo.

- Muito simples. Sua filha sofre de curiosidade acumulada. – disse Dona Domingas”

Podemos então retomar ao personagem de Quim do livro “O guardador de palavras” que devido à sua curiosidade lia um livro seguido do outro até que chegou um momento que não tinha novos livros para leitura.

Frente a esse processo, o livro se torna o meio pelo qual podemos suprir algumas de nossas necessidades de respostas e fomentar, ainda mais, a curiosidade. Então, se desde criança, caracterizada sempre por ser indivíduos mais curiosos e cheios de perguntas, tivermos como aparato o livro, podemos ter um espaço mais alargado para exercício da curiosidade, disparando um processo de aprendizagem, que poderá nos acompanhar pelo resto de nossas vidas.

E foi assim, a partir de uma aula, conhecendo o que pode um livro, que comecei o meu envolvimento com esse material que, como dito, me fez criar a vontade de levar às crianças esse entusiasmo, gosto talvez, pela leitura. Começando por ler para elas.

A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também ‘leem’ o texto ouvindo-o. Os primeiros contatos das crianças com a leitura ocorrem desse modo. Os adultos leem histórias para elas. Ouvir histórias é uma forma de ler. (CAGLIARI, 2004, p.155)

É assim que todas as crianças iniciam a sua leitura e foi assim também que eu iniciei. Lembro-me que as histórias misturavam-se com as brincadeiras, que cada dia eu podia ser uma personagem diferente. Minha madrinha Daniela que sempre tinha uma história nova, tinha também muitas vozes na leitura, algumas vezes grossa e forte para um homem ou alguém bravo, outras vezes muito agradável e calma para uma princesa.

Lembro bem da Branca de Neve, porque sempre tive vontade conhecer a casa dos sete anões; perguntava-me: como seria ela por dentro? Minha vontade me fazia, depois de pedir várias vezes para ouvir a história de novo, sentar e desenhar essa casa. Lembro-me também que minha madrinha me ensinou a desenhar casas

em formatos de cogumelos, e a casinha dos sete anões sempre se transformavam nesses pequenos cogumelos, com telhado vermelho e com bolinhas brancas, com janelas bem em cima onde imaginava que seria o quarto deles, de onde a princesa cantava com os pássaros.

Quando não era ela, minha tia Cilmara – aquela que para mim sempre foi uma segunda mãe - trazia leituras que já tinha lido para meu primo quando ele ainda era pequeno, dessa vez uma leitura mais séria, sem tantas fantasias, eu quietinha escutava e já sabia observando-a como segurar o livro, que devia virar as páginas quando terminava aqueles escritos, entre tantos outros costumes que fui adquirindo porque sempre lia para ela a mesma história depois que ela tinha lido para mim. Será que leitura também se aprende pela imitação daquilo que encanta?

Lembro-me também do lugar que sentávamos para ler as histórias, sempre nós duas sozinhas, ela tirava uma sacola da cômoda cheia de livros e juntas escolhíamos a história do dia para depois nos aventurarmos juntas com as personagens. Dos livros desse tempo, não esqueço do “Miquinho e o Realejo”, ficava triste com ele e queria saber o porquê de Miquinho ficar preso naquela loja de animais... Será que ele ia conseguir sair dali e viver como o burro e o organista? Ou também do “Com Nozes e Mel”, olhando a vitrine da confeitaria com Cláudio, também sentia vontade de provar os doces, mas principalmente o chocolate com nozes e mel.

Foi ouvindo as histórias que senti emoções, talvez nunca sentidas até ali, a entonação na voz da minha madrinha ou da minha tia me faziam identificar a tristeza, a raiva, a alegria, a tranquilidade de cada personagem vivendo tudo o que as narrativas me transmitiam, era enxergar uma história a partir da contação oral e do seu mundo fantasioso.

Depois de ler, lembro-me que sentada ao lado da minha avó Benedita enquanto ela fazia seu trabalho (ela fazia moldes de anéis de cera), enchia minha mão de anéis como imaginava que as princesas usavam e desenhava todo o livro que tinha ouvido.

Quando minha irmã Marcela, mais nova que eu, estava maior e já conseguia brincar comigo era então mais legal ouvir as histórias com a minha madrinha, já que agora ela também podia ter seu papel e nos ajudava na contação de histórias. Histórias que, de tanto ouvir eu já sabia de cor tudo que iria acontecer; após muito

ouvir as leituras passei a identificar as letras, seu som, suas junções e adquiri minha própria leitura.

Como instrumento que abre um leque de possibilidades e influencia na formação, seria então a leitura, um dos únicos meios de construção de conhecimento? Muito pelo contrário, a leitura aí é um dos primeiros passos no processo dessa aquisição e é a partir dela que podemos conhecer os diversos meios para um trabalho pedagógico. E se começamos com a leitura de um livro, e quando percebemos já temos tanto da história, por que assim como o Quim, não escrever um?

Começando com desenhos que fazia ao lado da minha avó Benedita, e conforme adquiria a escrita e a combinação com as palavras, via assim meus livros tomando forma. Uns eram minha reescrita dos contos clássicos, outros, as histórias inventadas sendo, eu mesma, a personagem principal e quando me dei conta do que acontecia, já havia tantos que precisava de mais leituras.

Mais adiante, tinha nos livros um aparato para conhecer um pouco sobre a diversidade de coisas existentes no mundo, afinal como Glorinha conseguiu através de suas perguntas fazer com que seus pais também percebessem que temos muito a conhecer, aliás o pai dela conclui:

“Eu não sabia que vivia num mundo tão interessante! ”.

Assim também deve ser o olhar sobre o livro, será que já li o suficiente? Será que tenho algo a mais para leitura? Será que consigo trabalhar algo novo com essa mesma leitura?

Por um longo tempo, os livros de princesas, principalmente o da Branca de Neve, me fez ver que a cada leitura eu conseguia sim encontrar um algo a mais, foram tardes envolvida pela mesma história e sempre tentando encontrar um jeito dela não comer a maçã, ao mesmo tempo que não via a hora do príncipe chegar e beijar a princesa novamente para depois, com os sete anões, serem felizes para sempre.

Depois outros livros como “Poderosa – Diário de uma Garota que tinha o Mundo na Mão” de Sérgio Klein, onde encontrava situações parecidas com o que acontecia na idade que eu estava: brigas com amigas, desentendimentos com os pais e irmã, as escritas em diários que era o “máximo” e todas as garotas os guardavam como sendo o grande segredo delas.

Foi com Joana Dalva, personagem desse livro, que me identifiquei com a vontade de ser escritora, já que esse era o maior sonho dela, assim como acreditava que através de grandes histórias ou uma simples redação podia mudar o passado, por que não usar a literatura para consertar o presente?

Nesse livro também conheci um pouco de Joana D'Arc e curiosa por conhecer mais sobre nossa história e pessoas marcantes, resolvi começar pela mitologia grega. Foi, então, com Percy Jackson que me envolvi em toda sua saga. A cada livro sempre me permitia estar ao lado dele, passando pelas mesmas coisas e me imaginava sendo também uma semideusa. Aliás, vem desse tempo, uma outra questão, dúvida existencial: será que não poderia ser verdade quando, brigando com a minha irmã, ela me falava que eu não era irmã dela de verdade, que eu era adotada? Sei que essa conversa era comum nas brigas de irmãs, mas juro que nesse momento ia gostar que fosse verdade e quem sabe eu era mesmo como os personagens da história.

O prazer que eu sentia lendo os livros passou a ser indescritível. Quantas vezes deixava de sair para terminar de ler o livro que tinha começado a ler naquela manhã, mas não via a hora de saber o final?

Era de acordo com o momento e com o meu sentimento que passei a escolher os livros. Usava o livro como minha própria identificação e também para esquecer um pouco do que sentia, mas nesse caso nem sempre dava certo, já que as histórias me faziam comparar cada coisinha, cada descrição do livro, e no final era "obrigada" a refletir sobre aquilo que antes tentava esquecer.

Quando terminei meu primeiro namoro, por exemplo, lembro que estava na fase dos romances (antes porque estava apaixonada e depois porque estava triste): "Querido John", "Diário de uma Paixão", "A Última Música", "Um Amor para Recordar", "Um Homem de Sorte", entre tantos outros de Nicholas Sparks que me fizeram chorar por horas sendo que gostava muito disso, me aliviava, me encantava e também me permitiam me apaixonar junto com cada personagem.

O livro se tornava o centro das conversas na escola, uma menina indicava sua leitura para a outra e quando acontecia de estarmos lendo o mesmo livro, juntas, era melhor ainda, dividíamos cada capítulo e o sentimento que transmitíamos nessas conversas era sedutor para aquelas que não tinham lido ainda.

Depois "A Menina que Roubava Livros", "O Menino do Pijama Listrado", tantas histórias que me faziam imaginar e entender ainda mais um pouco da história,

das matérias que aprendia em história e do amor que as pessoas tinham pelos livros.

Também tive a fase que queria ler sobre os cantores que ouvia com as meninas, foi então com Ozzy Osbourne, no “Eu Sou Ozzy”, que o conhecemos um pouco mais, e este livro passou pelas mãos de todas as meninas fazendo-nos rir muito.

Meus livros de casa já não eram mais suficientes, eu já não tinha mais o que ler, então conheci a biblioteca municipal, lugar com uma imensidão de livros – lembro-me que passava horas em frente às prateleiras tentando escolher qual seria minha próxima atração. Também tinha vezes que as escolhas eram da biblioteca de meus amigos, que me davam muitas indicações e me faziam conhecer novas coleções que não sabia nem do que falava ainda.

Tive um momento que comecei a fazer listinhas de qual livro eu queria comprar para ler, qual eu buscava nas bibliotecas ou aqueles que eu esperaria ansiosa para o meu amigo comprar, ler e me emprestar logo depois.

Depois a escola começou a dar, por ano, três clássicos para cada série; foi quando me aventurei com os “Capitães da Areia” de Jorge Amado, chorei com “O Diário de Anne Frank” e ainda fui conhecer novos povos, novos lugares com “Vidas Secas” de Graciliano Ramos e “O Cortiço” de Aluísio Azevedo.

O livro é assim, permite que a cada leitura absorvamos uma mensagem nova, permite um trabalho novo, permite uma experiência para o momento que estamos vivendo. Dessa forma, é comum crianças quererem ler o mesmo material muitas vezes, sem sabermos exatamente o que traz de novidade, tem grandes questionamentos, formas diversas de ver a mesma história e se encantar por ela.

E também me permiti ler o mesmo livro muitas outras vezes, mesmo não sendo mais criança; depois, também assistia os filmes daqueles que foram reproduzidos; arrisco-me a dizer que o livro tornou-se o meu “vício”.

Foi a partir da minha curiosidade em conhecer tudo, que me envolvi com os livros. Foi devido à diversidade de conhecimentos que ele traz em si que construí a minha formação como leitora, não que essa esteja completa, pois acredito que nunca seremos seres completos e, assim, como a criança, temos muito a aprender. Segundo Delors, “O processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado, e pode enriquecer-se com qualquer experiência” (DELORS, 2004, p. 92); frente a isso, “A educação primária pode ser considerada bem-sucedida se

conseguir transmitir às pessoas o impulso e as bases que façam com que continuem a aprender ao longo de toda a vida...” (DELORS, 2004, p. 92-93). Nesses aspectos, o livro pode ser considerado um instrumento importante para transmitir essas bases.

Na graduação tive contato com novos livros, uns nem tão interessantes, outros mais, os quais uso como base sempre que penso na leitura como instrumento potencializador para a formação. Os de Paulo Freire, tem especial interesse para mim.

Atualmente, no ano de 2017, envolvida com o Laboratório ESCRIARTE<sup>2</sup> também conheci novos autores, novas leituras, novas formas de trabalhar com o livro. Cada integrante do grupo me apresentou um pouco de suas leituras de mundo, leituras que eles tomaram como preferidas para si, leituras que pude ler alguns e apenas ouvir falar de outras, mas, que me provocam curiosidades ainda hoje. Através do grupo tive grandes contribuições para o meu trabalho, inclusive da visão deles enquanto educadores que acreditam na importância da leitura na sua formação e na formação dos alunos/sujeitos.

Agora não sei dizer se tenho um livro preferido ou algum que me defina, hoje acredito que estou envolvida com contos, histórias infantis, por querer transmitir esse amor que tenho pela leitura aos meus futuros alunos leitores, já que acredito no que Delors nos colocou acima. Acredito na sensação única e totalizante que a literatura pode nos oferecer e provocar, já que foi por ela que fiz gostos, olhando pelos olhos dos autores podia me encantar com as personagens, sair me aventurando com eles e é claro, me tornei viciada e apaixonada por livros, por literatura, por ler!

Por isso, acredito na importância e no poder de professores leitores na construção e formação de crianças que estão encontrando agora a leitura com toda sua capacidade fantasiosa e formadora. Se desde crianças começando uma leitura de ouvinte, o livro vai assim viciando, mesmo sendo complicado, porque ler é complexo, você lê uma palavra busca entendê-la, lê outra, lê novamente. Sinto que assim também foi comigo quando menina, não sabia o quanto teria para ler nem mesmo sabia da importância que o livro teria em minha vida. Mas hoje a leitura é vida para mim, as páginas me iluminam, não me imagino sem ela.

Hoje a leitura se constrói e reconstrói diariamente nas minhas significações, e é por meio dela que me proponho também a ser uma formadora de novos leitores,

---

<sup>2</sup> Laboratório ESCRIARTE – Escritos autobiográficos, Experiência e Formação é o grupo de estudos e pesquisas coordenado pela Professora Maria Rosa R. M. de Camargo.

ser uma gota num mar oceano turbulento, como um sonho que enriquece e auxilia na formação do outro. Não que seja uma tarefa fácil, mas é por meio da leitura que outros me apresentaram esse mundo e é por ela que objetivo passar aos outros esse mesmo gosto.

É por ela – leitura - e com ela que me objetivo e me preparo. Busco no livro tudo aquilo que preciso e por meio do qual encontro tudo o que venho construindo e objetivo construir com o outro, formar seres mais humanos, pois acredito que esse é o potencial da leitura.

Concordo com Smith, quando escreve que

As crianças precisam encontrar sentido na leitura; portanto os professores devem garantir que a leitura – e a sua aprendizagem – faça sentido. As crianças aprendem a ler através da leitura; os professores devem ajudá-la a ler tornando a leitura fácil, sem dificultá-la. Essas observações podem parecer óbvias se não considerarmos que, na realidade, muito do que é feito na escola – e também por adultos bem-intencionados fora da escola – pode ter a consequência de tornar a aprendizagem da leitura menos compreensível e mais difícil. (SMITH, 1999, p.127)

No percurso da (minha) (auto) formação como leitora, busco alguns fios para pensar o que vem a ser a Leitura Formação Humana. Necessário se faz uma busca do que vem sendo pensado, escrito com relação a esse tema.

Ponho-me a caminho com vistas a buscar como a leitura pode se abrir numa formação tão ampla que abarca uma formação humana e transcende as esferas de uma formação que é política, cultural, educacional.

Na esteira dessas preocupações, é imprescindível um levantamento do tema buscando entender o que vem sendo dito dessa Leitura, a meu ver, maiúscula; é o que apresento no capítulo seguinte.

#### **4 DA LEITURA E DA FORMAÇÃO – UM LEVANTAMENTO NA COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES E NA REVISTA LEITURA: TEORIA E PRÁTICA.**

Foi realizado um levantamento preliminar dos trabalhos depositados no banco de dados da CAPES, onde busquei identificar a leitura como instrumento de formação.

Segundo o próprio site

O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. O Portal de Periódicos foi criado tendo em vista o déficit de acesso das bibliotecas brasileiras à informação científica internacional, dentro da perspectiva de que seria demasiadamente caro atualizar esse acervo com a compra de periódicos impressos para cada uma das universidades do sistema superior de ensino federal. Foi desenvolvido ainda com o objetivo de reduzir os desnivelamentos regionais no acesso a essa informação no Brasil. **(CAPES)**

O Portal de Periódicos atende às demandas dos setores acadêmico, produtivo e governamental disponibiliza e propicia o aumento da produção científica nacional e o crescimento da inserção científica brasileira no exterior. É, portanto, uma ferramenta fundamental às atribuições da Capes de fomento, avaliação e regulação dos cursos de Pós-Graduação e desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil.

Dessa forma, após o levantamento e a coleta de resumos foram selecionados trabalhos que foram mais diretamente referidos à leitura e à formação do leitor. Após essa seleção, foi feita a leitura completa dos textos selecionados delineando-se os eixos temáticos para que, por fim, pudesse fazer uma análise das metodologias trabalhadas até a visão dos professores do trabalho com esse meio buscando identificar se eles apontavam as dificuldades existentes, quais são as justificativas para não trabalharem com a leitura ou por serem sujeitos não leitores, como se dá a formação dos próprios professores responsáveis pela formação de novos leitores para que por fim possamos concluir como a leitura pode ser inserida na formação dos alunos, de que forma ela contribuirá na formação do sujeito e qual é a sua importância na formação dos sujeitos nos seus diferentes papéis na sociedade.

Quando encontrado nos levantamentos dados que apontam que existem sujeitos não leitores, pergunto-me como pode um professor falar que não é leitor. Mesmo que no levantamento, tivemos relatos de professores que disseram ser não leitores, penso que mesmo que leia pouca coisa do seu interesse, ainda assim não pode ser considerado um não leitor, já que a todo tempo estamos fazendo leituras de mundo. Portanto, o correto seria dizer que algumas vezes lemos, mas não damos a significação necessária, fazemos leituras que nos passam despercebida, é apenas uma leitura mecânica da palavra.

Ainda foi feito um segundo levantamento na Revista *Leitura: Teoria e Prática*, também entre os anos de 2011 e 2015, buscando as mesmas temáticas pesquisadas na Capes.

De acordo com seu próprio editorial, A revista *Leitura: Teoria & Prática* é um periódico quadrimestral que tem hoje mais de 33 anos de tradição. Única publicação brasileira específica da área da leitura, atualmente é editada pela Associação de Leitura do Brasil (ALB), que distribui a versão impressa para seus associados e a disponibiliza para venda em sua Livraria Virtual. Integra o processo de formação inicial e continuada de professores; e tem subsidiado a produção de políticas públicas ligadas ao livro e à leitura disponibilizando gratuitamente o conhecimento científico ao público e proporcionando maior democratização mundial do conhecimento.

A seguir um detalhamento do que foi encontrado:

Utilizando o banco de dados da CAPES e inserindo o termo **Leitura** na ferramenta de buscas de sua plataforma online, foi possível obter um total de 4.620 teses e dissertações entre os anos de 2011 e 2015, sendo que apenas 35 foram utilizados nesse trabalho.

Para isso, foi preciso fazer uma primeira leitura de títulos de todos os resultados encontrados, os quais iam sendo selecionados de acordo com maior ou menor proximidade com a temática da pesquisa.

Contudo, ainda era muito abrangente a quantidade de teses e dissertações, sendo necessário um segundo processo de seleção, no qual busquei a partir da leitura dos resumos aqueles que abordavam com maior ênfase a leitura como formação humana, política, cultural e educacional, sendo assim uma escolha mais refinada que resultou em 35 materiais de maior relevância.

O material selecionado organiza a Tabela 1:

**Tabela 1 - Quantidade de teses e dissertações selecionadas entre os anos de 2011 e 2015 relacionados a Leitura.**

<b>ANOS</b>	<b>TESES E DISSERTAÇÕES ENCONTRADAS</b>
2011	17
2012	10
2013	02
2014	04
2015	02
<b>TOTAL</b>	<b>35</b>

Fonte: CAPES. Tabela elaborada pela autora.

A segunda busca, considerando a base, o conjunto todo, abarcou o termo **Formação do Leitor**, e deste obteve-se 467 teses e dissertações, mantendo o padrão que determinava a pesquisa entre os anos de 2011 e 2015 no banco de dados da CAPES.

Essa busca foi facilitada devido à quantidade menor de resultados oferecidos, já que o termo **formação** restringiu ainda mais os temas e possibilitou que ao ler os títulos, já foram escolhidos menos do que com o primeiro termo.

O critério principal na escolha dessas teses e dissertações foi a importância pessoal que os autores davam a leitura, usando como exemplo a sua própria formação como leitor e para isso, também foi preciso ler os resumos para concluir se realmente estavam enquadradas no objetivo proposto e então apenas 20 teses e dissertações foram escolhidos os quais se subdividem a seguir:

**Tabela 2 – Quantidade de teses e dissertações selecionadas entre os anos de 2011 e 2015 relacionados a Formação do Leitor.**

<b>ANOS</b>	<b>TESES E DISSERTAÇÕES ENCONTRADAS</b>
2011	06
2012	05
2013	02
2014	05
2015	02
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>

Fonte: CAPES. Tabela elaborada pela autora.

Por fim, ainda considerando a base, o conjunto todo, foi feita uma última busca focalizando a **Leitura na Formação Inicial**, onde foram encontradas 526 teses e dissertações no banco de dados, mas apenas 07 foram selecionados.

Nessa busca foi notória a quantidade de resultados reincidentes das buscas anteriores, portanto, foram sendo desconsiderados desde a leitura dos títulos.

Foi a leitura e análise dos resumos que movimentaram as tabelas e fizeram com que se adequasse a pesquisa encontrada às palavras de busca, as temáticas da tabela.

Essa busca teve como foco experiências com a leitura, voltada para o campo escolar e aos próprios professores, então, novamente a leitura dos resumos foi importante, sendo através dela selecionados apenas esses 7 materiais os quais são elencados a seguir:

**Tabela 3 - Quantidade de teses e dissertações selecionadas entre os anos de 2011 e 2015 relacionados a Leitura na Formação Inicial.**

<b>ANOS</b>	<b>TESES E DISSERTAÇÕES ENCONTRADAS</b>
2011	01
2012	01
2013	01
2014	03
2015	01
<b>TOTAL</b>	<b>07</b>

Fonte: CAPES. Tabela elaborada pela autora.

Tendo em vista a grande quantidade de teses e dissertações levantadas, e considerando os limites de um Trabalho de Conclusão de Curso (tempo), deixamos registrado o levantamento e seguimos focando o levantamento realizado na Revista Leitura: Teoria e Prática.

O site em que encontramos a revista online se difere bastante do banco de dados da CAPES, não tendo um campo de busca, nem permitindo refinar os resultados encontrados (os materiais em si), foi preciso primeiramente entender como era a divisão das revistas ou como podia ver cada artigo completo.

Por essa primeira aproximação notei que cada revista tinha um editorial que apresentava a temática do volume analisado, ajudando-me também com o que eu poderia encontrar na revista que estava vendo.

Já com relação à consulta na Revista Leitura: Teoria e Prática foram encontrados dois volumes por ano, por isso, delimito um período a ser analisado seguindo os mesmos anos já analisados na CAPES. Sendo assim, separei um total de dez revistas entre os anos de 2011 e 2015.

Houveram variações observadas durante os anos analisados quando pensado na estruturação e organização das revistas, mas em todas encontramos um sumário que facilitava a identificação dos títulos assim como as temáticas dos artigos.

Inicialmente me propus usar os mesmos critérios usados na CAPES para selecionar os artigos ideais a minha pesquisa, mas assim que comecei a análise já foi preciso mudar.

Assim, numa primeira etapa fixei-me nos títulos dos artigos, e quando os artigos abordavam questões como Leitura e Formação era possível selecioná-los.

Sendo bem limitada a quantidade de resultados encontrados, foi possível escolher todos que tinha a temática trazida anteriormente, e essa primeira seleção é apresentada na tabela a seguir.

**Tabela 4 - Quantidade de artigos encontrados na Revista Leitura: Teoria e Prática entre os anos de 2011 e 2015.**

<b>ANOS</b>	<b>ARTIGOS ENCONTRADOS</b>
2011	11
2012	10
2013	08
2014	06
2015	09
<b>TOTAL</b>	<b>44</b>

Fonte: Revista Leitura: Teoria e Prática. Tabela elaborada pela autora.

Numa segunda etapa, já com os resumos em mãos, procedi à busca dos termos chaves deste estudo: Leitura, Formação do Leitor, Leitura na Formação inicial no total de 44 artigos escolhidos preliminarmente.

Nessa etapa além dos resumos, quando achava pertinente comecei a leitura dos artigos na íntegra, e com a ajuda dos editoriais e dos temas trazidos por eles, detive-me apenas nos artigos que realmente traziam o conteúdo procurado no meu estudo.

Assim, conseguimos novamente refinar a busca e ao final das leituras tinha um total de 10 artigos escolhidos. São os que compõem o Quadro 1.

Nesse quadro optamos por dividi-lo com as palavras chaves que formam esse trabalho, e buscamos pelo resumo selecionar trechos que identificam a presença da Leitura, a Formação do Leitor ou a Leitura na Formação Inicial do Professor.

Nosso intuito era ver como se dá a divisão dessas temáticas e como as mesmas se fizeram presente na escolha dos materiais de estudo.

**Quadro 1 - Autor e título dos trabalhos selecionados no levantamento no período de 2011 a 2015.**

<b>SELEÇÃO FINAL</b>				
<b>AUTOR / TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>LEITURA</b>	<b>FORMAÇÃO DO LEITOR</b>	<b>LEITURA NA FORMAÇÃO INICIAL</b>
[1] BARBOSA, Marinalva Vieira. Ensino da leitura e formação do professor mediador.	2011		Foram eleitos discursos de professores sobre as dificuldades que cercam o ensino e a aprendizagem da leitura - para isso apresentam um diagnóstico sobre as dificuldades de seus alunos e como se dá o ensino da leitura e o desenvolvimento das práticas de leitura na escola.	A formação do professor mediador ainda continua sendo um dos grandes desafios a serem enfrentados no interior dos cursos de licenciaturas, frente a isso o texto traz as próprias dificuldades destes para ensinar o aluno a ler.
[2] DELLISA, Paula Roberta Rocha; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. Práticas de leitura na família e na escola.	2012	O presente trabalho estudou as relações da família com as práticas de leitura/escrita, no contexto de um grupo de crianças com queixas de dificuldades escolares que frequentam um serviço de fonoaudiologia.	Os encontros permitiram a emergência de experiências pessoais com a leitura/escrita e de sentimentos relacionados a elas, assim como mudanças na compreensão das dificuldades que as crianças enfrentam na aquisição da leitura e da escrita.	
[3] EUFRÁSIO, Daniela Aparecida. Reflexões sobre a imbricação	2013		Apresentando reflexões sobre a formação de leitores na época atual e a produção do conhecimento no	

entre formação de leitores e produção de conhecimento.			âmbito universitário, focalizando as relações entre “o que foi lido” e “o que se fez com o que se leu”, o artigo apresenta alguns aspectos a serem considerados na formação de leitores que não se limitem à reprodução do que já está em circulação.	
[4] FERNANDES, Adriana Hoffmann. O contar como narrativa das leituras feitas: “Meu avô sabe contar muita história porque ele lia muito”.	2011		O “contar como narrativa das leituras feitas” foi um dos aspectos que sobressaíram na pesquisa, e esta análise dialoga com Walter Benjamin, em seus conceitos de narrativa e experiência, buscando perceber como se constituem as narrativas e as experiências das crianças em diferentes momentos do contar histórias nos campos pesquisados.	
[5] KRAMER, Sonia; SOUZA, Marina Castro e; OLIVEIRA, Andrea. Estágio de docência e metodologia	2015		A partir do programa, das práticas e análises emerge o caminho da literatura como alternativa de formação.	

de ensino de língua portuguesa: literatura como caminho para a formação.				
[6] LEITE, Sérgio Antonio da Silva. Afetividade e o processo de constituição do leitor.	2011		Explora os impactos da dimensão afetiva na constituição dos leitores, apresentando considerações baseadas em resultados de pesquisas.	
[7] ROSSI, Maria Aparecida Lopes; PERES, Selma Martines. Letramento literário na formação inicial do professor.	2015	No âmbito deste artigo discutir-se-ão atividades realizadas com a leitura de contos e livros. As ações possibilitaram aos participantes tanto a vivência de práticas de leitura e fruição estética como a socialização das experiências do docente leitor e formador de leitores.	Inserir os alunos nas práticas letradas de uso da língua escrita tem sido considerado como uma das funções da escola.	Para isso é necessário que o professor tenha uma formação cultural ampla, entendendo que essa formação deve ser implementada desde o início da graduação.
[8] SOUZA, Elizeu Clementino de; RIBEIRO, Neurilene Martins. (Auto) Biografias e práticas culturais de leitura: gritos, resistências e escutas das escolas rurais.	2013	Indicando possíveis desafios que enfrentam as docentes e os alunos na reconceitualização do trabalho com a literatura e com as práticas culturais de leitura.	O texto discute questões concernentes às pesquisas (auto) biográficas no campo educacional brasileiro e suas interfaces com as práticas de formação de leitores na escola.	Docentes parecem transgredir o trato usual dado à literatura, como um dos dispositivos de superação de silenciamentos em contraposição a currículos tradicionais na abordagem dos textos literários.

<p>[9] SUTTANA, Renato. Um problema de formação: reflexões sobre literatura, leitura e ensino.</p>	<p>2011</p>	<p>Neste artigo, discute -se a questão da leitura na escola, sob o ponto de vista da formação do leitor de literatura.</p>	<p>Partindo do princípio de que a interferência do professor no processo de escolhas e decisões de cada indivíduo conforme seus interesses vão de encontro à noção de <i>liberdade e arbítrio</i>, que deveria nortear a formação do que se compreende como leitor crítico e realmente senhor de suas escolhas, reconhece-se que a literatura, ao falar ao leitor, dirige -se a ele com uma voz própria, que tem a lhe dizer mais do que é possível prever nos limites de uma didática pré -configurada.</p>	
<p>[10] TOZZI, Juliana Bernardes. Ler e escolher livros para crianças e jovens: uma tarefa docente?</p>	<p>2012</p>		<p>Este texto tem o propósito de colocar em pauta o tema das escolhas de livros para a leitura de crianças e jovens por parte dos professores, identificando possibilidades que se apresentam para o acompanhamento e a apreciação dessa produção.</p>	<p>Os professores, representantes da cultura escolar, emergem para estas comunidades como atores cuja capacidade de apreciação do “literário” encontrar -se -ia pouco qualificada e carente – o que o texto pretende iniciar em problematização.</p>

Fonte: Revista Leitura: Teoria e Prática. Quadro elaborado pela autora.

Já numa terceira etapa, passei a ler novamente - cada artigo dos 10 selecionados - na íntegra com o objetivo de fazer minha análise do levantamento bibliográfico, apontando o que cada autor conseguiu concluir em suas pesquisas; apresentarei essa investigação no subtítulo a seguir.

### **Algumas considerações acerca do Quadro 1:**

- Artigos que estão somente na 1ª Coluna: 0
- Artigos que estão somente na 2ª Coluna: 4 [3, 4, 5, 6]
- Artigos que estão somente na 3ª Coluna: 0
- Artigos que estão em pelo menos 2 Colunas: 4 [1, 2, 9, 10]
- Artigos que estão nas 3 colunas: 2 [7,8]

Tais considerações nos levam a ponderar acerca da organização temática de cunho metodológico para a busca: leitura – formação do leitor – leitura na formação inicial.

Afinal, que contribuições trazem esses artigos levantados numa revista “única” no campo da Leitura como formação?

Chegamos à conclusão que os temas que dividiram o quadro se entrelaçam e muitas vezes não conseguem ser trabalhados separadamente assim como encontramos nos artigos. Portanto, a leitura vem a ser tema gerador de grande potencial de formação essencial tanto para o leitor quanto para o professor em formação inicial, sendo este um tema que muitas vezes se insere em outros e deixa de ser reconhecida a sua importância.

#### **4.1 Leitura – o que apontam os artigos**

Em “**Ensino da leitura e formação do professor mediador**” – 2011 o autor Barbosa, já inicia apontando que o desenvolvimento da leitura é um tema que gera grandes preocupações, por isso, exige também que pensamos a formação dos professores da língua materna.

Aponta no desenrolar do artigo que o professor deve ser o articulador e interlocutor do aluno

Mediante essas unanimidades, se à escola foi atribuída a responsabilidade maior de formar leitores, o professor foi, indiscutivelmente, posto na posição de principal executor desse projeto. O professor é visto como aquele que apresenta o que será lido (BARBOSA, 2011, p. 30)

Mas que frente a isso, também nos deparamos como alunos que não demonstram interesse em aprender a ler, dificultando ainda mais a função do professor. Portanto, é possível concluir que o tema leitura ainda precisa ser muito trabalhado, já que exige mudanças desde a formação do professor, para que este consiga fazer que o aluno tenha outros olhos e possa através da leitura devolver aos alunos o direito de ler e interpretar cada texto com suas próprias palavras, diferente de hoje, que se tornou um ato mecânico e já pré-determinado.

**“Práticas de leitura na família e na escola”** – 2012 de Delissa e Laplane apresenta que a leitura requer uma série de conhecimentos que antecedem a escolarização formal, por isso, os pais assumem papel de extrema importância já que depende deles essa iniciação.

Podendo acontecer de diferentes maneiras, um bom exemplo seria a contação de histórias que parte dos pais e tentando identificar porque as crianças sentem dificuldades, fez-se uma pesquisa em grupos onde os participantes puderam se colocar no lugar das próprias crianças e sentir o que eles sentiam para adquirir a leitura/escrita.

Os pais/responsáveis se depararam, na maioria das vezes, com práticas que não dominavam e que suscitavam sentimentos de incompetência e inferioridade. Tendo como pano de fundo essas vivências, foi possível refletir sobre as dificuldades escolares das crianças e sobre as queixas de comportamento, falta de atenção, desinteresse e rejeição das atividades de leitura e escrita, assim como ensaiar novas formas de compreensão em relação às próprias práticas e às das crianças. (DELISSA; LAPLANE, 2012, p. 64)

Assim, o presente estudo permitiu que a família reconhecesse seu papel enquanto formadores também das crianças, deixando de ser uma atividade exclusivamente escolar

as possibilidades de letramento passam também pelas práticas cotidianas fora da escola, pela atitude dos pais em relação à leitura e à escrita, pela experiência prazerosa e não apenas pela insistência nas tarefas escolares, pelo reforço escolar (visto quase sempre como castigo pelas crianças) ou pela realização de atividades e tarefas por obrigação. (DELISSA; LAPLANE, 2012, p. 65)

Eufrásio em **“Reflexões sobre a imbricação entre formação de leitores e produção de conhecimento”**- 2013, com a proposta de pensar a formação de leitores nos cursos de graduação e pós-graduação, traz um artigo em que aponta a quantidade de materiais produzidos nesse meio, e evidencia a importância dessas produções.

Para isso aponta então que

aos formadores de leitores, não escapará a necessidade de viabilizar um processo formativo que instigue e possibilite a contínua revisão crítica da própria área de conhecimento de interesse daqueles que se formam no âmbito dos cursos de graduação ou de pós-graduação. (EUFRÁSIO, 2013, p. 149)

Por isso afirma que é preciso adotar procedimentos de leitura que permitam posturas indagadoras sobre saberes ali já colocados, que muitas vezes é preciso criar um novo olhar, uma nova escrita sobre algum saber, mas que isso só é possível se reconhecer a área de conhecimento que está inserido e que só com essa dinâmica de formação de leitores que será possível potencializar as produções acadêmicas.

Fernandes em **“O contar como narrativa das leituras feitas: “Meu avô sabe contar muita história porque ele lia muito”** – 2011, pede que contextualizemos o hoje, o ambiente em que a criança está inserida e o que passou a ser o ser criança. Frente a isso e pensando as leituras, o autor veio trazendo que tantas vezes as crianças preferem ouvir história – como já falamos, uma forma também de leitura- ou outras vezes recontar aquilo que já leu, portanto, a oralidade passou a ser um forte meio de leituras e brincando a criança se torna espectadora e leitora de histórias.

O contar e o recontar adquirem sentidos diversos para cada grupo, em cada contexto, e apontam a importância desse momento de ouvir, refletir e compartilhar as histórias que vão sendo conhecidas por eles, ampliando, cada vez mais, as possibilidades de diálogo sobre as histórias e favorecendo a criação narrativa das crianças. (FERNANDES, 2011, p.50)

Conclui então, que devido a influências, cabe a escola e a família saber o que oferecer para essas crianças, como também incentivar as leituras, mesmo que oral, essa leitura representará as vivências e experiências de cada criança.

Kramer, Souza e Oliveira em **“Estágio de docência e metodologia de ensino de língua portuguesa: literatura como caminho para a formação”** – 2015

vem trazendo a experiência de uma aluna na sua formação no curso de Pedagogia em umas das matérias que trabalhou com Literatura durante todo o semestre com o objetivo não só de trabalhar o autor, mas de como ele em seu livro é capaz de

mostrar como ambos humanizam – ensinam porque são arte; nos alteram porque somos humanos, capazes de nos expressar, pensar no drama da vida, nos sentimentos, nas conquistas. A vida está ali, registrada com arte, captada pelo escritor e seus personagens, falada pelo poeta. Lendo e escrevendo, somos mais sensíveis para apreender a arte da vida. (KRAMER; SOUZA; OLIVEIRA, 2015, p. 69)

A matéria fez com que os graduandos trocassem não só experiências pessoais que vinham como lembrança durante as aulas, mas também trocas de livros entre os alunos da matéria.

Valendo-se de diversas práticas, a professora provocou a discussão sobre leitura, literatura, e o papel da escola e dos professores, assim como a graduação fez com que se discutisse como para muitos a leitura era uma obrigação, por isso, se propuseram a ver as práticas de leitura como um convite, não sendo então uma propriedade da escola.

A partir daí, em contato com o estágio docência, essa professora teve contato direto de uma visão crítica das práticas de leitura, revendo agora seu papel enquanto professora. Portanto a partir de uma matéria que o artigo usa como exemplo, ele afirma o quanto é importante formarmos professores leitores para que, assim, esses consigam efetivamente formar alunos leitores, enfatizando que é preciso mudarmos a formação desses educadores para que depois consigamos melhores resultados na prática quando temos objetivo de estimular a leitura.

No artigo de Leite, **“Afetividade e o processo de constituição do leitor”**- 2011, o autor vem apontando que as relações sujeito-objeto-agente mediador são permeadas por afetividade e que por isso participam da constituição da subjetividade do próprio sujeito, assim afirma que também se estabelece relações na sala de aula, entre aluno e conteúdos escolares, reforçando a atenção que se deve dar para as práticas pedagógicas para que assim sejam alcançadas com sucesso qualquer apropriação de conhecimento.

Fazendo comparações de três pesquisas e trabalhando a constituição do leitor, o autor vem apontando porque muitas vezes é comum vermos um pequeno grupo de aluno leitor quando comparado aos não leitores e aponta que isso é socialmente construído, determinado basicamente pela história de mediações

sociais vivenciadas pelo sujeito, incluindo neste o ambiente familiar, passando pelas diversas situações sociais, até, obviamente, a escola, assim como a natureza motivacional. E completa: “Portanto, a leitura pode ser entendida como atividade que participa do processo de desenvolvimento humano e da constituição da própria subjetividade dos sujeitos” (LEITE, 2011, p.43)

Conclui apontando que o leitor é formado socialmente, recebendo influência de diversas instâncias, mas predominantemente da família e da escola, os quais desempenham papel fundamental para constituição de leitores autônomos.

Rossi e Peres, em “**Letramento literário na formação inicial do Professor**” – 2015, iniciam o artigo com uma citação sobre a literatura e sua importância na qual apresentamos a seguir

A literatura, como ressalta Cândido (2004), é uma manifestação universal do homem, seja em que tempo for, pois ela traz elementos essenciais para uma compreensão dialética da realidade, além de se constituir em uma das práticas letradas mais valorizadas pela sociedade moderna. (ROSSI; PERES, 2012, p.100)

Frente a isso já aponta que é função da escola inserir os alunos nessas práticas, o que atribui simultaneamente ao professor a função e recai sobre sua formação ter bases suficientes para conseguir efetivação entre os alunos.

Então a partir de um grupo de formação, buscou se

evidenciar a leitura como uma prática que favorece a ampliação dos repertórios de informação do leitor, além de possibilitar a ressignificação de vivências, ideias e conceitos acerca da própria realidade. Dessa forma, buscamos fazer com que as memórias das experiências escolares de leitura das alunas se constituíssem em subsídios para que pensassem a própria formação. (ROSSI; PERES, 2012, p.101 e 102)

Os participantes enfatizaram que através do grupo passaram a enxergar a leitura não só como produto da imaginação, mas como meio de problematizar o real, portanto de indiscutível importância, além de propiciar a eles novos olhares para a leitura, a pesquisa apontou a importância do professor ser um leitor e conhecer a importância da leitura para depois transmitir isso aos alunos.

Trazendo a leitura dentro das salas de aula, Souza e Ribeiro em “ **(Auto) Biografias e práticas culturais de leitura: gritos, resistências e escutas das escolas rurais**” de 2013 exemplifica como bem acontecendo essas leituras em escolas rurais apontando a leitura de textos literários, pelo professor, como atividade pertinente e que faz com que

os alunos passam a ter contato com os modos de leitura, ao observar as professoras enquanto leem, de modo que, progressivamente, poderão desenvolver /aprimorar diferentes comportamentos leitores de quem lê para apreciar: explorar a capa do livro, a contracapa, a orelha, admirar o título e antecipar o seu conteúdo, ler o índice para se situar da quantidade de capítulos e de seus subtítulos, enfim, um conjunto de movimentos leitores típicos desse objetivo de leitura (SOUZA; RIBEIRO, 2013, p. 109)

Acreditam então que essa é uma forma inovadora de formar leitores, quando focalizam a apreciação e o deleite. Ainda é possível percebermos a importância que os autores trazem quando abordam os trabalhos na escola, ou seja, o que se faz na escola é algo que dificilmente acontece nas famílias, já que muitos alunos não têm acesso a esses materiais, portanto, exige-se ainda mais do professor quando pensado na formação de seus alunos já que é ele quem se tornará o exemplo para a criança.

Apontando ainda a problematização da democratização do acesso aos livros e a ausência de bibliotecas assim como de materiais literários nas escolas, volta-se novamente para o professor que como modelo leitor exige algumas vezes até que este invista na compra ou na busca de livros, destinando tempos da vida privada para a leitura, arriscar-se a conhecer novas obras, autores e estilos e se inscrever em círculos de leitura como no exemplo apontado no artigo

Então, às vezes, a gente também tem que ser modelo para os alunos, porque se eu não gostar de ler como é que eu vou ensinar meu aluno gostar de ler? Não adianta eu chegar aqui com um livro, na hora abrir e nem saber o que tá falando no texto. Eu me preocupo sim. Leio, vejo quais os questionamentos que eu vou fazer. Eu vou parar em tal ponto e perguntar: o que é que vai acontecer no texto? (Júlia). (SOUZA; RIBEIRO, 2013, p. 107)

Finaliza assim enfatizando que ao introduzir a leitura de textos literários na rotina das classes, as professoras permitem que por meio do cotidiano escolar se pense a educação e a condição humana.

Suttana em “**Um problema de formação: reflexões sobre literatura, leitura e ensino**” de 2011 começa o artigo apontando que é de suma importância a leitura e completa

Se perguntarmos a um professor de leitura – seja de adultos, de adolescentes ou de crianças – quais as vantagens de ensinar leitura – e literatura, em especial – nas instituições escolares do Brasil, ele talvez não hesite em arrolar uma boa dúzia de razões. A leitura (e a literatura) contribui, entre outras coisas – é a voz corrente –, para ampliar os horizontes de conhecimentos dos estudantes. Ao mesmo tempo, estimula o desenvolvimento de habilidades de interpretação, de entendimento e de escrita, cuja utilidade não ousamos questionar. (SUTTANA, 2011, p. 67)

Para isso, o autor afirma que a leitura é uma afirmação por si só, não precisa de justificação e se afirma em plenitude, ou seja, acredita que todos que leem não tem um motivo para isso, mas fazem sem ter um modo mais adequado ou criterioso, o ler é individual, o entendimento, as mensagens são únicas e não permitem tornar o ato coletivo.

Porém comparando o professor ao crítico que muito lê e ao mesmo tempo não lê nada o autor nos aponta

o professor também, tal como o crítico, “quase não lê”, pois que só lê ensinando, e que a preocupação de ensinar o leva para fora dos livros. Mas, tal como o crítico, ele lê muitos livros porque as tarefas do ensinar o coagem: há que zelar pelo “cânone” (ou, então, há que questioná-lo bravamente), há uma história da literatura a realizar e há, sobretudo, um volume de saberes legítimos a cultivar (SUTTANA, 2011, p. 72)

Frente a isso, volta a atenção aos alunos e a justificativa por não serem leitores, o que muitas vezes usam o interesse por outras coisas como culpa para essa “crise da leitura”

Da parte do estudante que anseia conhecer a literatura, entendendo -a melhor, os encargos são igualmente penosos. Também dele, na posição em que se coloca para ler, podemos afirmar que quase não lê, e não tanto porque as tarefas do aprendizado lhe pesem demais e o impeçam de ler (podendo ele, muitas vezes, alegar que não lê porque lhe falta estímulo ou porque outras atividades o absorvem), tomando-lhe o tempo que poderia dedicar à leitura, mas porque, mais profundamente, as preocupações que o conduzem aos livros o desviam deles o tempo todo. (SUTTANA, 2011, p. 72)

Conclui que a leitura não está intimamente ligada a quantidade, isto é, nem sempre ler muito é o essencial, mas a leitura está relacionada a conhecimentos, por isso é importante pontuarmos o que foi absorvido e qual relevância demos ao livro individualmente e que este fala por si só.

Se a sociedade ainda tem alguma coisa a requerer da leitura dos livros (que justifique levá-los às escolas), então ela terá de se confrontar com o fato de que eles têm a sua própria voz e de que essa voz se recusa a ser modelada, domesticada ou apaziguada para servir aos interesses e às circunstâncias da dinâmica social, conforme cada qual os compreende. (SUTTANA, 2011, p. 76)

Assim, cada um deve poder escolher o que ler, quanto e quando ler, a literatura que está além do que é imposto em nossa sociedade não deve ser discutida como é hoje já que cada um tem seus motivos e tempo específico para se dedicar aos livros.

No artigo “**Ler e escolher livros para crianças e jovens: uma tarefa docente?**” – 2012, de Tozzi, o autor começa nos colocando que os livros infantil e juvenil ganharam grande importância entre as editoras evidenciando a grande preocupação da modernidade do que se deve dar para ler as nossas crianças. Mas devido à grande quantidade oferecida, muitos acabam se perdendo sem nem mesmo ganhar conhecimento algumas vezes.

Cabe ao professor a função de escolher qual material levar para seus alunos, mas com isso, ele acaba impondo uma leitura que o autor finaliza o artigo criticando, já que ele acredita que o ato de ler envolve acima de tudo escolha e por isso, cabe a cada um de nós escolhermos o que queremos e vamos ler como afirma na citação: “Porque a leitura é uma prática cultural que tem a ver com escolhas, na qual é preciso se reconhecer, se fazer, se montar como sujeito protagonista – do início ao fim da história” (TOZZI, 2012, p. 50)

#### **4.2 Algumas Considerações Acerca Das Contribuições Das Publicações Levantadas Para Este Estudo**

**Do levantamento.** Permitiu evidenciar a necessidade da relação estabelecida entre escola, família e a sociedade em geral a fim de garantir melhor inserção dos alunos no mundo da leitura, facilitando também o acesso aos livros.

**Da leitura.** Reforçou que é por meio dela que o ser humano cultiva sua imaginação e criatividade, embasa seus ideais e valores, aperfeiçoa seu entendimento, torna-se mais seletivo nas suas vontades e escolhas e se abre para um mundo de informações e por meio de alguns dos trabalhos levantados, evidenciou -se que o trabalho deve sair da esfera puramente utilitária/ mecânica, e deve ampliar nossa visão sobre essas práticas, que são culturais e múltiplas.

**Das práticas.** Ler é uma atividade de conquista, porque exige esforço, dedicação, empenho e assim o leitor adquire a necessidade de leitura, é preciso

incentivar até ter a leitura como hábito, após isso, a prática de leitura torna-se atividade fundamental e recorrente ao sujeito.

**Da formação.** O próprio livro faz-se objeto de própria formação e conseqüentemente informação. A criança experiencia-se através dele e do que lê, já para o professor, torna-se o aliado no desenvolvimento e aprendizagem. Ambos os sujeitos na sua formação transformam-se e aprendem simultaneamente um com o outro através do mesmo aparato.

**Da escola.** Torna-se um ambiente com diferentes espaços de motivações, deixando de ser um espaço pesado para tornar-se um lugar de trocas e aprendizagens, de produção de sentidos, de constituição de sujeitos.

**Do sujeito.** Encontrará bases para ocupar o seu lugar e sobre o qual edificará a sua cidadania, fazendo-se indivíduos críticos e participativos nas diferentes esferas da sociedade com uma maior bagagem cultural, fazendo então, a leitura, como atividade motivadora para crianças, jovens, familiares e professores com potencial de formar seres mais humanos, portanto indispensável no processo de formação.

Assim como me permitiu ter contribuições para todo o embasamento teórico dos capítulos que subdividiram-se anteriormente e foram referenciados no final deste trabalho.

Portanto, a prática de leitura estabelece relações intrínsecas com o sujeito que age, que convive em sociedade, que educa e é educado, principalmente quando pensando em professores e pais que influenciam novos leitores a todo momento e propiciam a estes sujeitos que criem e (re) criem, formam-se e transformam-se através da leitura literária.

## 5 A LEITURA COMO FORMAÇÃO HUMANA

*E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?*  
(SARAMAGO, 2001)

Pensando a relação adulto-criança que tantas vezes se dá com níveis de superioridade - por parte do adulto - faz-se necessário e importante que nesse trabalho passemos a ver ambos como sujeitos que compartilham experiências e conhecimentos; portanto, a criança também possui muito a ensinar para aqueles que já esqueceram a real importância e valor das coisas simples como até mesmo a criação de livros por fantasias e grandiosidades só do mundo das crianças.

O escritor, de tão belos livros, José Saramago, quando nos avisa que histórias para crianças devem ser leitura obrigatória para os adultos buscou enfatizar que os adultos muitas vezes esquecem do poder da leitura por si só, que só ela é suficiente e tem muito a ensinar ao leitor, assim, se eles tivessem conhecimento do poder da leitura, passariam a usar os livros como veículo do ensinar e que para a criança seria companhia formadora no seu dia a dia.

Com o desafio de buscar entender como a leitura, vem sendo abordada na produção científico-acadêmica, em sua perspectiva de contribuição para a formação humana na interação com o outro, realizei um levantamento que me deu alguns parâmetros. É o que apresento nesta seção.

Segundo Souza (2011, p.27), “o ato de ler é um processo amplo e complexo, pois constitui um movimento humano, mediado pela palavra, para o entendimento do mundo”. E continua dizendo que

Ler não é simplesmente um ato isolado de um ser humano frente a um texto escrito por outro. Leitura é um processo de interação entre o homem e o mundo, através de uma relação dialógica entre o texto e o leitor, relação essa permeada pelas condições de produção e utilização desse texto.  
(SOUZA, 2011, p.28)

Se ler é um ato complexo, o homem é formado então por suas leituras. Mas como o homem vem sendo alfabetizado? Uma, entre outras, das perguntas que levanto.

A alfabetização, muitas vezes, é resumida na memorização mecânica, no ensino puro da palavra, da sílaba ou das letras. Paulo Freire rebate: “Pelo contrário,

enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito” (FREIRE, 1921, p.19); dessa forma, quando discutida a leitura como formação humana, política, cultural, educacional estamos tratando toda a construção do sujeito para o mundo, envolvendo sua convivência em sociedade, seu acúmulo de conhecimento e seu contato diário com a palavra desde o nascimento, mesmo que pelo ouvir, o que faz com que o sujeito seja iniciado no processo de formação de leitor.

Segundo Leite,

a constituição do leitor é um processo socialmente construído, determinado basicamente pela história de mediações sociais vivenciadas pelo sujeito, incluindo desde o ambiente familiar, passando pelas diversas situações sociais, até, obviamente, a escola. (LEITE, 2011, p.42)

O que acontece é que muitas vezes, com ou sem a participação da escola é a sociedade que vai introduzir a literatura na formação das crianças:

Desde os bancos da escola, ou mesmo antes, importa que as crianças se habituem ao mundo em que vão viver como adultos, e se esse mundo contém a literatura como um dos seus ingredientes determinantes. Então, isso significa que, desde a escola básica, temos a obrigação de iniciar as crianças no mundo literário, no mundo das ideias e dos valores vertidos na configuração literária. Aliás, uma criança, que cresça arredada do mundo literário, ficará excluída de uma dimensão essencial da sua cidadania, e nunca será um adulto plenamente incluído no tecido da sua história colectiva. (MESQUITA, 2011, p. 16)

É preciso apontar que a literatura é o meio pelo qual podemos superar o vazio na formação do ser humano, isto é, a leitura faculta o crescimento interior do indivíduo e Mesquita completa referindo-se a que “os livros são objectos de formação e de informação para a criança, porque esta se experiencia, através do que lê e do que aprende; forma-se e transforma-se.” (MESQUITA, 2011, p. 18).

Eu mesma, enquanto leitora, buscava nos livros tudo o que estava de certa forma sendo pesado, e os livros sempre me acolhiam, envolviam, me permitiam de forma leve e encantadora esquecer, conhecer ou responder o que permeava minha formação. Tinha nos livros uma expectativa muito grande com todas as leituras, cada novo texto era para mim uma multiplicidade de conhecimentos, tinha e sentia prazer nas leituras, o livro sempre foi mais que um amigo nos meus dias.

O desafio da nossa sociedade hoje é buscar entender como as pessoas tomam gosto pela leitura. Ou criam modos de rejeição a ela. E então, nos

deparamos com mais um desafio: como introduzir a leitura desde o início da infância?

Se a criança aprende brincando, é importante que saibamos aproveitar esse momento:

Ao pensarmos em literatura infantil e ideologia, língua, logo imaginamos a relação da criança leitora com o brinquedo. É importante ressaltar que a criança aprende a ler e a brincar nas relações que ela estabelece com os outros, pois as brincadeiras de imaginação/fantasia envolvem múltiplas aprendizagens. Segundo Benjamin (2008), a criança vê seu universo projetado, sendo capaz de tratar a palavra como um brinquedo, logo cria um universo de sonho e realidade, de maneira natural, pois a imaginação da criança, por si só, já é fantasiosa. Para ela, a repetição é a essência da brincadeira, nada lhe dá tanto prazer como “brincar outra vez”. De acordo com as ideias de Benjamin (2008), a aproximação da criança com os livros deve acontecer desde cedo como nos brinquedos: ver, tocar... Primeiramente, uma relação lúdica de brincadeira: a criança precisa sentir e gostar do livro como gosta de um brinquedo. Depois, a relação se estreita pela experiência que ela vai adquirir com o livro. Por isso, é muito importante o uso dos livros na primeira infância, seja em casa com a família, seja na escola, seja na biblioteca, seja na livraria. Os livros devem ser oferecidos de forma natural, como os brinquedos. (MARTINS, 2012, p. 470 e 471)

Temos como importante aparato até mesmo alguns livros que são fabricados como brinquedos, como os livros com fantoches, pano e plástico; atentando às necessidades da criança é que vamos construindo o ambiente propício para aprendizagens. Mas quais as necessidades da criança?

Uma das necessidades fundamentais da criança é dar sentido ao mundo e a si mesma. Nesse sentido, o livro, seja informativo ou ficcional, permanece como veículo primordial para esse diálogo com o leitor. Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Os livros podem ser comparados aos retalhos e tijolos que vão construir a formação da criança, podem abrir muitas portas, melhorando o processo ensino-aprendizagem, abrindo caminhos, podem ser muitas coisas na fantasia infantil. (MARTINS, 2012, p. 471)

E como deve ser a construção de um espaço para formação do leitor, principalmente quando pensamos na sala de aula?

o espaço da sala de aula deve ser um espaço de formação de leitores, com muitas leituras. Leituras das crianças, dos professores, de vários autores e com várias intenções. Elas necessitam ter bons textos para compreenderem a literatura como um meio de pensar a ficção e a realidade. (MARTINS, 2012, 472)

Se esse espaço deve ser formado por leitores com muitas leituras, a leitura torna-se o instrumento de empoderamentos,

a leitura reveste-se de um poder abundante e adota uma importância na ação educativa. A literatura infantil emprega o poder do discurso junto ao discurso do prazer. A literatura forma e altera a maneira de pensar, sem a obrigação de somente ensinar valores e ideologias. No entanto, seu papel principal é o entretenimento, mas, ao entreter e divertir, também educa, faz adquirir compreensões e aponta, muitas vezes, maneiras diferentes de compreender o mundo. O discurso literário aproxima a formação do sujeito-leitor exatamente por criar um ambiente sem compromisso, em que a realidade é abordada, sem, no entanto, o compromisso de lhe ser fiel. (MARTINS, 2012, p. 474)

Falamos de leitura. E entendemos que leitura é o “processo de interação entre leitor e texto, configurando-se um meio de aquisição do que se passa ao redor do homem; portanto, tem dimensão social e cultural; provoca, enriquece e encaminha a reflexão” (CAMPELLO, 2012).

Acreditamos também que a leitura é uma atividade capaz de mudar o indivíduo e suas relações com o mundo, favorecendo a possibilidade de transformações coletivas. Enfatizamos por outro lado, que para que haja gosto e prazer no ato da leitura são necessárias mudanças de paradigmas em relação ao assunto, por parte dos educadores, pois eles são os mediadores da leitura na escola. (MARTINS, 2012, p. 474)

O que seria essa mudança de paradigmas? Poderíamos pensar que uma possibilidade de mudança de paradigmas seria contar com professores e professoras leitores?

Acredito que o primeiro passo seria sim oferecer uma formação para além de “ensinar” leitura, formação essa que perpassaria pelo prazer na leitura e então teríamos uma leitura com prazer.

Nesse sentido, há a que considerar que a leitura é fundamental, pois permite ao ser humano que experimente, descubra-se, recrie e construa a sua liberdade de ser. Ler torna-se, então, uma porta que organiza e efetiva a construção do homem inteiro.

Segundo Freire,

conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. (FREIRE, 1985)

Assim, é necessário que o sujeito haja ativamente nessa construção de conhecimento, nesse meio pelo qual acontece a construção do homem inteiro, mas para isso há envolvimento de outros seres, é uma construção coletiva, já que

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1981).

Segundo Barbosa,

A mudança do sistema escolar, da prática pedagógica não vem apenas de melhores teorias, de materiais mais adequados, ou de informações mais acessíveis aos professores. Melhorar a pedagogia da leitura é, a longo prazo, uma questão política, vinculada a um desejo de mudança. Mesmo que o professor não possa mudar o mundo, poderá realizar o trabalho melhor se compreender o que é a leitura e como as crianças aprendem a ler. Poderá, mesmo desenvolvendo uma série de atividades sem real utilidade, ir introduzindo algumas outras que de fato favoreçam a aproximação da criança com a leitura. (BARBOSA, 1994, p.142)

Ler, portanto,

é produção, tanto do ponto de vista psicológico quanto sociológico, já que ao lermos um texto colocamos em ação todo o nosso sistema de valores crenças e atitudes que refletem nossa experiência de mundo. Nessa visão, o sentido é construído a partir de uma complexa relação interativa entre autor, texto e leitor. (ROSSI, 2010, p.68)

E então a partir dessa interação,

ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994, p. 5)

A leitura torna-se, portanto, uma leitura da palavra e quando conquistada torna-se uma leitura de si e de suas potencialidades, favorecendo a sua formação humana e permitindo seu reconhecimento.

Tomando então as considerações apresentadas, pus-me a refletir na leitura enquanto instrumento de auto-formação e formação para o professor. Fez-se necessário buscar a relação da formação do professor leitor com a formação de novos leitores e, para isso, foi preciso questionar-me sobre a situação atual do Brasil, onde temos professores que, além de se saberem e se reconhecerem sujeitos não leitores, sentem-se pouco qualificados para o ensino da leitura, como se dá então a Formação Inicial dos Professores?

## 6 A LEITURA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR

*...onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender, ou seja, eu tinha muito a fazer. (FREIRE, 1996, p. 37).*

Considerando que todos temos muito o que ensinar e o que aprender, este é um processo inerente às relações humanas, faz-se necessário considerar também que “O educador já não é mais o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos”. (FREIRE, 1981, p.79).

Retomando mais alguns dos questionamentos iniciais, pergunto: qual é o lugar da leitura na escola e na vida das pessoas?

É necessário que o professor seja um leitor fluente? Seria esse elemento, ser um professor leitor por fruição, uma variável que traria resultados qualitativos à prática docente no ensino da leitura e formação do gosto e do hábito de ler?

Professores leitores poderiam desenvolver práticas educativas mais significativas ou qualitativamente melhores na formação leitora de seus alunos; docentes que puderam ter acesso a uma boa formação teórica e metodológica referente ao ensino da leitura, ainda que não tenham sido leitores em determinada época de suas vidas, poderiam ser sensibilizados quanto ao ato de ler e, dessa forma, imprimir mais qualidade ao processo de ensino da leitura.

A aquisição dos mecanismos leitores surge como tantas outras necessidades inerentes à vida da criança. “Uma vez realizada a aprendizagem, nenhuma actividade é, aparentemente, mais simples, mais automática do que a leitura: lê-se como se anda, como se respira” (BARTHES e COMPAGNON, 1987, *apud* MESQUITA, 2011, p. 17)

A leitura torna-se aqui um instrumento aglutinador, é por meio dela que formamos o sujeito, o professor e o aluno leitor, é com ela que nos construímos e reconstruímos constantemente.

A formação escolar, está relacionada não somente às especificidades do literário em si, mas também ao ensino, à aprendizagem, à educação e ao próprio sujeito educando, tornando-se, a escola, em um local que não ensina apenas disciplinas, mas envolve histórias diversas de muitos sujeitos.

Sendo a escola formada por sujeitos de diversas culturas e contextos, Souza e Martins são enfáticos com relação à “...necessidade do acesso à literatura por quaisquer que sejam as classes sociais, uma vez que o texto literário possibilita a construção e a ampliação de conceitos acerca do mundo”. (SOUZA e MARTINS, 2015, p. 223) completam: “Ao conhecer o 'outro', o sujeito passa a conhecer melhor seu próprio povo e a si mesmo, comparando e contrastando as culturas desde as suas características emocionais até as político-ideológicas”. (SOUZA e MARTINS, 2015, p. 224).

Já Generoso alerta-nos:

Ter uma prática de ensino de alfabetização letradora é perceber a presença e o uso de diferentes gêneros textuais na vida das pessoas, incluindo os seus alunos. Cada um deles tem uma história de vida, uma trajetória que já lhes permitiu alguma relação com o mundo escrito. Hoje em dia é muito difícil uma criança que não tenha tido contato com o mundo letrado, especialmente no que se refere àquelas que, majoritariamente, residem em zonas urbanas, pois são expostas a uma infinidade de gêneros textuais. (GENEROSO, 2014, p. 48)

Dessa forma a leitura torna -se essencial para a formação de uma visão e um posicionamento de mundo crítico e esclarecedor.

A leitura, por sua vez, passou a ser entendida, não mais como “processo ou habilidade de interpretar o pensamento de outrem”, mas como meio de ampliar as experiências, estimular poderes mentais. Para tanto, foram sendo defendidas e introduzidas nas escolas novas práticas de leitura, que envolviam, dentre outras iniciativas: incentivo e utilização intensiva da leitura silenciosa, sem movimentação dos lábios e sem acompanhamento das letras com os dedos; disponibilização de maior quantidade de livros; criação de bibliotecas escolares e de classe; promoção de clubes de leitura. (MORTATTI, 2004, p.64)

Tendo em mãos, algumas posições de como o processo de leitura está sendo incluído nas escolas, voltamos à pergunta relacionada aos professores. Como deve ser a formação deste para que eles possam educar os alunos e de que forma essa educação deve ser feita?

Giardinelli aponta firme:

Queremos profissionais da docência ativos, com inquietudes e inconformados, comprometidos com a escola e seu entorno social e dispostos a encarar as transformações que forem necessárias. E que comecem, logicamente, pela leitura cotidiana como motor de todas as transformações e das mudanças de paradigmas de que necessitamos. As boas pessoas devem voltar a ser modelo nesse país, e melhor ainda se voltarem a ser bons leitores, como os que existem em qualquer comunidade, e muito melhor se eles forem os docentes. (GIARDINELLI, 2010, p.104)

O nosso cotidiano faz com que esqueçamos que a leitura é um processo dialógico que envolve o aluno e o professor e também que esse envolvimento perpassa o processo de ler inserido nessa realidade além do texto, encontros, desencontros e conflitos de ideias, mas é importante ressaltarmos que é a linguagem que favorece essas situações.

Frente a isso retomamos o conceito de Paulo Freire que nos apresenta a leitura como instrumento libertador, já que é por ela que nos capacitamos para exercer todas as funções de sujeitos na sociedade. A literatura é também o meio interlocutor de conhecimentos e reconhecimentos, por meio dela que o indivíduo vai construindo bases no seu processo formativo, então, tornando-se de total importância na vida das crianças desde pequena.

Uma vez que a leitura é abrangente em temas e conteúdos, ela propicia ao professor uma transmissão e construção coletiva das noções de regras, valores, respeito, além do estímulo a fantasia, que é essencial para essa idade fazendo com que identifique e forme a singularidade de cada pessoa inserida em um ambiente escolar propício para esse aprendizado. Assim, segundo Geraldi, “os sujeitos se constituem como tais à medida que dialogam com os outros; e a consciência de mundo, o conhecimento e a compreensão nascem desse diálogo com a alteridade”. (GERALDI, 1995).

Portanto,

ler não será considerado uma atividade instrumental de acesso a um conhecimento distanciado do contexto em que os sujeitos estão inseridos. Dito de outro modo, no diálogo que se estabelece entre professores e alunos e desses com os textos, as compreensões sobre um determinado tema resultam das trocas realizadas. (BARBOSA, 2011, p. 30)

Para o professor, torna-se essencial a sua formação enquanto leitor, uma vez que ele poderá mediar o processo pelo qual o aluno se tornará leitor; o professor pode ser quem levará ao aluno os conhecimentos e instrumentos necessários para a realização da leitura, buscando ampliar conhecimentos na sala de aula; torna-se um

aliado na expansão de modos e métodos, de regras e de criação que reverberam para ambos os envolvidos.

Formou-se a convicção de que, para tornar os alunos leitores e sujeitos que gostem ou queiram escrever, os próprios professores precisam estabelecer relações estreitas com a linguagem, experimentando a leitura como prática social e cultural. (BARBOSA, 2011, p. 30)

Parece-nos, pelo senso comum, que os professores deixam de ler após sua formação inicial, mas não temos também certeza de como era a sua leitura durante sua vida escolar, já que a leitura parece estar sempre distante da realidade vivenciada por eles; parece constituir-se uma relação não muito salutar que diz respeito a, por um lado, enquanto alunos, não liam o que lhes era solicitado, por outro lado, professores deixavam a leitura mais vaga em seu cotidiano. Essas elucubrações merecem estudos mais aprofundados. Mas é importante, quando tratamos dessas questões, lembrar que os impasses que cercam a formação do professor estão ligados não somente ao seu relacionamento com os livros, mas à sua visão da forma como deve ser o ensino, à forma como os saberes são apropriados, lidos, incorporados e subjetivados ao longo da formação inicial e como ela será trabalhada com os seus próprios alunos, tendo então importante influência para eles. É preciso formamos professores reflexivos para que sua práxis seja um jogo de saberes e que consigam levar tal visão aos seus alunos, formando sujeitos críticos e participativos em todo seu processo de formação.

É possível pontuarmos ainda que,

Um sujeito, ao longo da vida, vai se configurando como leitor a partir das experiências de leitura que vivencia nas interações e da qualidade afetiva presente nas mesmas; ao mesmo tempo, a leitura, enquanto forma de linguagem, media a interação do sujeito com a sua cultura. (GROTTA, 2000, p. 197)

Então, a leitura torna-se o um meio visível de participação na formação do desenvolvimento humano e de sua subjetividade relacionada com sua bagagem cultural, ou seja, é um instrumento de acesso as novas informações.

Segundo Dellisa e Laplane

Uma pesquisa conduzida por Charmeux (op. cit.), na França, afirma que as primeiras formas de propiciar a aprendizagem da leitura são: a presença funcional do escrito, as situações de prazer partilhado, a abertura cultural como hábito de explorar conjuntamente o ambiente letrado e o oferecimento à criança de “objetos portadores de texto”. Morais (1997) refere que a criança aprende mais facilmente a ler ao presenciar a leitura de histórias em voz alta por seus pais e quando estes gostam de ler. Dessa forma, a criança participará de um ambiente inspirador do desejo de leitura. (DELLISA; LAPLANE, 2012, p. 61)

Novamente, então, temos a leitura como conhecimentos prévios adquiridos antes mesmo da inserção do aluno na escola, sendo importantes as experiências do indivíduo no processo de ensino e aprendizagem. Uma contribuição possível é o professor buscar entender os obstáculos que o leitor passou no processo de aprendizagem e analisar como é o letramento da própria família do leitor. Essa tomada de posição pode revelar algumas características aglutinadoras, as quais envolvem questões políticas, sociais e culturais atentando-se para interferências e influências advindas de campos diversos.

O contexto brasileiro de proposição e discussão de políticas públicas para as áreas da leitura e da infância vem configurando, na atualidade, a emergência de discursividades e de condições de sua realização em práticas educativas que requerem, mais uma vez, da comunidade de professores, pesquisadores, pais, mães e gestores da educação, o compromisso de sua análise crítica e a busca de alternativas. (MARQUES; AMORIM, 2013, p. 7)

Freire conclui que a leitura e a formação do aluno leitor “é também e sobretudo pensar a prática” (FREIRE, 1982, p. 11) e por isso deixa de ser apenas um ato de transferir conhecimento. O ensino envolve criação de espaço e tempo para a sua construção.

E então, pensar na formação do profissional da educação requer muito mais do que apenas reflexões.

Refletir sobre a formação docente é um desafio. A realidade educacional brasileira é precária no que diz respeito a qualidade do ensino, e a formação, muitas vezes, não garante a melhoria da qualidade. Embora o fracasso escolar não seja explicado pelo trabalho do professor, a formação é oportunidade de reflexão sobre a prática, ferramenta de construção do conhecimento, de criação de novos sentidos. (KRAMER; SOUZA; OLIVEIRA, 2015, p. 78 E 79)

O que precisamos hoje é repensar mais sobre a leitura em nossas vidas, principalmente quando somos um dos responsáveis por apresentar esse meio para sujeitos em formação. A escola, a família, os alunos precisam da leitura e ter o

conhecimento disso já é um passo muito importante para ela ganhar o reconhecimento da sociedade num todo.

## 7 CONSIDERAÇÕES

A partir do material levantado, pode-se referir que o tema da formação inicial do professor/da professora pouco passa pela leitura de textos literários.

Parece-nos que a leitura passou a ser apenas um suporte, pouco adentrando nos conteúdos puros e abertos à imaginação, pouco se consegue perceber as entrelinhas de uma leitura que expande horizontes na leitura de mundo. Assim como a educação, que foi restringida numa função pragmática e funcional. Perdeu-se a sua função humanizadora, perdeu-se o seu poder questionador.

Parece-nos que foi esquecida a capacidade da literatura de entreter, emocionar, tocar, fazer sentir e ser sentida: fortes argumentos para a formação. Deixaram as grandes perguntas, os questionamentos, as respostas e possibilidades que o livro poderia proporcionar. E não sendo sentida, a leitura passou a não ser apresentada dessa forma aos novos leitores. O que fazer, como proceder, como deve ser agora um trabalho com o livro que, efetivamente, se abra à leitura?

Pensando na educação e na literatura como espaço de formações - no plural, porque existe uma diversidade que pode se dar nas relações do eu com o mundo, assim como pode ser meio para se dar e ganhar voz em meio às nossas vivências e nossas inquietações – perdeu-se a transmissão de hábitos assim como a construção no sujeito de que a leitura não deve passar pela ideia de obrigação. A literatura foi submetida a limitações que a aprisionaram à sua própria significação.

Considerando que todo ser humano é um ser que cria e (re) inventa, e enquanto leitora, particularizo as experiências que concernem ao meu próprio processo de leitura e de formação. O contato com os livros que me envolveram em novos e tantas vezes mundos desconhecidos, que desde o primeiro contato foi muito rico e não restrito, a cada leitura uma percepção, uma lição, uma visão e uma formação.

A leitura se enlaça com o processo formativo, assim como a construção da humanização no homem, seja através dos sentimentos pelo livro transmitido ou pelas relações que construímos através dele. Fica claro como podemos saber de ciências, história, geografia e tantas outras matérias sem saber que pode ser tudo isso diretamente envolvida em uma literatura prazerosa que nos permite conhecer o mundo.

E por fim, uma pergunta que dispara um dos eixos fundamentais: o que vem a ser a leitura como formação?

Ao finalizar este estudo, deixo registrado que não acredito que só a minha pesquisa seja suficiente para responder a essa questão ou para que mudanças significativas ocorram em leituras ainda por vir, muito pelo contrário, acredito que muito tem que se estudar sobre a leitura e sua posição/relação hoje com os sujeitos, mas seria um bom começo delimitarmos que seu uso está muito limitado e insignificante e devido a isso foi sendo deixada para uma outra hora.

Ao finalizar o levantamento apresentado no quadro 1, atentando-me à organização dos três eixos temáticos como aporte metodológico, pude perceber que os temas se entrelaçam e muitas vezes não conseguem ser trabalhados separadamente assim como encontramos nos artigos. Portanto, a Leitura vem a ser tema gerador de grande potencial de formação tanto para o leitor quanto para o professor em formação inicial. A Leitura, enquanto tema, muitas vezes se insere em outros e deixa de ser reconhecida a sua importância. Já a Leitura assumida e pensada como possibilidade na Formação Humana, portanto, transcende ser tema para ser um espaço de criação e ampliação na relação com o mundo.

Precisamos de métodos para além de ensinar leitura e, apesar de termos outras formas de formação e informação, precisamos resgatar esse meio que vem ficando esquecido.

Portanto a leitura é essencial, deve ser inserida na formação dos alunos desde pequenos para poderem conhecer o meio e se os pais ao apresentarem a leitura também se aproximam dos livros, é uma forma de compartilhar vivências e assim, desde o início, os professores também terão uma nova visão da sua importância e de como efetivar o trabalho com a leitura.

A importância da leitura ultrapassa qualquer limitação dada a ela hoje, assim, a leitura é fluidez, é saber, é cultura, é educação, é percepção, é compreensão, por isso é preciso olhá-la com atenção, cuidado, respeito. A leitura precisa hoje ser (re) conhecida, enaltecida e destacada.

Precisamos de novos e velhos olhares para a leitura. Novos porque hoje muito se tem a conhecer do poder da leitura e velho porque é preciso retomar costumes e a consciência da leitura e sua importância. Precisamos da leitura para informação, para ação e para formação.

Portanto, é possível concluir que ler nunca é demais, ler sempre é demais.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. J. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortêz, 1994.
- BARBOSA, M. V. Ensino da leitura e formação do professor mediador. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 29, n. 57, p.28-37, 2011. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/39>>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994, 336 p.
- BOJUNGA, L. **Mensagem de Lygia Bojunga para o Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil**. 2006. Traduzida e divulgada nos 64 países membros do IBBY. Disponível em: <<http://www.casalygiabojunga.com.br/pt/livroatroca.html>>. Acesso em: 30 de out., 2016.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2004.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. 6 ed. São Paulo: Scipione, 1993, 189 p.
- CAMPELLO, R. **A importância da leitura na formação do cidadão crítico**. 2012. Disponível em: <<http://pedagogiaaopedaletra.com/a-importancia-da-leitura-na-formacao-do-cidadao-critico/>>. Acesso em: 04 de nov., 2016.
- CAPES. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Banco de teses. 2017. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
- COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos**. Paulinas, São Paulo, 2008, 155 p.
- DELLISA, P. R. R.; LAPLANE, A. L. F. de. Práticas de leitura na família e na escola. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 30, n. 58, p.60-66, 2012. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/7>>. Acesso em: 30 abr. 2017.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 9º ed. São Paulo; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2004. 240 p.
- EUFRÁSIO, D. A. Reflexões sobre a imbricação entre formação de leitores e produção de conhecimento. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 31, n. 60, p.137-150, 2013. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/145>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
- FERNANDES, A. H. O contar como narrativa das leituras feitas: “Meu avô sabe contar muita história porque ele lia muito”. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 29, n. 56, p.44-51, 2011. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/56>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, P. Considerações em torno do ato de estudar. In: **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura).
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 1921, 102 p.

- GENEROSO, A. da S. F. **O texto literário infantil em contextos de alfabetização**: um olhar para as práticas de formação inicial do leitor. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/6658>>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- GERALDI, J. W. **Ritos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GIARDINELLI, M. **Voltar a Ler**: propostas para construir uma nação de leitores. São Paulo: Nacional, 2010.
- GOULART, I. do C. V. O livro nas memórias de leitura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 115, p.567-582, abr./jul. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87319092018>>. Acesso em: 13 mar. 2017.
- GROTTA, E. C. B. **Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida**. 2000. Dissertação (Mestrado) –Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2000.
- KRAMER, S.; SOUZA, M. C. e; OLIVEIRA, A. Estágio de docência e metodologia de ensino de língua portuguesa: literatura como caminho para a formação. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 33, n. 64, p.65-80, 2015. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/369>>. Acesso em: 01 maio 2017.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da Leitura**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996, 98 p. Disponível em: <[www.ufrgs.br/textecc/traducao/teorias/files/aspectos\\_leitura.pdf](http://www.ufrgs.br/textecc/traducao/teorias/files/aspectos_leitura.pdf)>. Acesso em: 10 de out., 2016.
- LEITE, S. A. da S. Afetividade e o processo de constituição do leitor. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 29, n. 57, p.38-47, 2011. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/40>>. Acesso em: 29 abr. 2017.
- LIMA, M. E. C. C; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, v. 31, n. 1, p. 17-44. Janeiro-Março 2015. FapUNIFESP (SCIELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>>. Acesso em: 16 de nov., 2016.
- MARQUES, D.; AMORIM, A. C. Agenciamentos em torno do ato de ler. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 31, n. 61, p.7-9, 2013. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/169/108>>. Acesso em: 30 abr. 2017.
- MARTINS, C. X. G. A literatura como brinquedo e a formação da criança-leitora. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v. 6, no. 2, p. 468-475, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em 16 mar. 2017
- MESQUITA, A. Como formar jovens leitores?. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, Ano XII, v.13, n.14, jan./dez.,2006. p.15-30. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/367>>. Acesso em: 16 mar. 2017.
- MESQUITA, A. T. A leitura: um passaporte para a vida. **Álabe**, [S.I.], n. 3, jun. 2011. ISSN 2171-9624. Disponível em:

- <<http://revistaalabe.com/index/alabe/article/view/45>>. Acesso em: 13 mar. 2017
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.
  - PERISSÉ, G. **A Arte de Ensinar**. São Paulo: Omega, 2004.
  - ROSSI, M. A. L. **O processo de escolarização dos diferentes gêneros textuais observado nas práticas de ensino de leitura**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, 2010.
  - ROSSI, M. A. L.; PERES, S. M. Letramento literário na formação inicial do professor. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 33, n. 65, p.99-113, 2015. Disponível em: < <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/414>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
  - SARAMAGO, J. **A Maior Flor do Mundo**. [ilustração João Caetano]. Lisboa: Caminho, 2001.
  - SILVA, E.T. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. **Perspectiva**, Florianópolis, v.17, n. 31, p. 11–19, Jan./jun. 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213>>. Acesso em: 10 out. 2016.
  - SMITH, F. **Leitura Significativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
  - SOUSA, A. C. de. **A formação de professores-leitores: as marcas de um caminho e suas relações com uma educação para a leitura**. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Práticas Educativas na Formação de Professores, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Campus Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2006. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/384>>. Acesso em: 13 mar. 2017.
  - SOUZA, E. C de; RIBEIRO, N. M. (Auto)Biografias e práticas culturais de leitura: gritos, resistências e escutas das escolas rurais. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 31, n. 61, p.97-111, 2013. Disponível em: < <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/197>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
  - SOUZA, R. J. de.; MARTINS, I. A. Educação infantil e literatura: um direito a sonhar, ampliar e construir repertório. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 20, n. , p.221-239, 2015. Disponível em: <[http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3660/pdf\\_443](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3660/pdf_443)>. Acesso em: 27 mar. 2017.
  - SUTTANA, R. Um problema de formação: reflexões sobre literatura, leitura e ensino. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 29, n. 57, p.66-77, 2011. Disponível em: < <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/44>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
  - TOZZI, J. B. Ler e escolher livros para crianças e jovens: uma tarefa docente?. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 30, n. 58, p.43-51, 2012. Disponível em: < <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/5>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
  - VIELLE, J. P. “**El impacto de la investigación en el campo educacional**”. UNESCO, Paris: Perspectivas (3), 1981, p. 337-352.

---

Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (Orientadora)  
IB/UNESP/Rio Claro-SP

---

Milena Gabriele Sevierio  
Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia